

**Universidade Federal do Piauí
Centro de Educação Aberta e a Distância**

SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Antonio de Pádua Carvalho Lopes





Ministério da Educação - MEC
Universidade Aberta do Brasil - UAB
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Universidade Aberta do Piauí - UAPI
Centro de Educação Aberta e a Distância - CEAD

Sociologia da Educação

Antonio de Pádua Carvalho Lopes



2013

PRESIDENTE DA REPÚBLICA *Dilma Vana Rousseff Linhares*
MINISTRO DA EDUCAÇÃO *Aloizio Mercadante*
GOVERNADOR DO ESTADO *Wilson Nunes Martins*
REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ *José Arimatéia Dantas Lopes*
PRESIDENTE DA CAPES *Jorge Almeida Guimarães*
COORDENADOR GERAL DA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL *João Carlos Teatini de S. Clímaco*
DIRETOR DO CENTRO DE EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTÂNCIA DA UFPI *Gildásio Guedes Fernandes*

COORDENADORES DE CURSOS

ADMINISTRAÇÃO *Antonella Maria das Chagas Sousa*
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA *Fabiana Rodrigues de Almeida Castro*
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS *Maria da Conceição Prado de Oliveira*
FILOSOFIA *Zoraida Maria Lopes Feitosa*
FÍSICA *Miguel Arcanjo Costa*
LETRAS PORTUGUÊS *José Vanderlei Carneiro*
LETRAS INGLÊS *Lívia Fernanda Nery da Silva*
MATEMÁTICA *João Benício de Melo Neto*
PEDAGOGIA *Vera Lúcia Costa Oliveira*
QUÍMICA *Davi da Silva*
SISTEMAS DE INFORMAÇÃO *Arlino Henrique Magalhães de Araújo*

EQUIPE DE DESENVOLVIMENTO

TÉCNICO EM ASSUNTOS EDUCACIONAIS *Ubirajara Santana Assunção*
EDIÇÃO *Roberto Denes Quaresma Rêgo*
PROJETO GRÁFICO *Samuel Falcão Silva*
DIAGRAMAÇÃO *Luan Matheus dos Santos Santana*
REVISÃO ORTOGRÁFICA *Lis Carvalho de Marinho Medeiros*
REVISÃO GRÁFICA *Carmem Lúcia Portela Santos*

CONSELHO EDITORIAL DA EDUFPI

Prof. Dr. Ricardo Alaggio Ribeiro (Presidente)
Des. Tomaz Gomes Campelo
Prof. Dr. José Renato de Araújo Sousa
Profª. Drª. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz
Profª. Francisca Maria Soares Mendes
Profª. Iracildes Maria de Moura Fé Lima
Prof. Dr. João Renór Ferreira de Carvalho

L864s Lopes, Antonio de Pádua Carvalho
Sociologia da Educação/ Antonio de Pádua Carvalho Lopes -
Teresina: EDUFPI/CEAD/UFPI, 2010.
84 p.

1- Educação - Sociologia. 2 - Educação a Distância.
I. Título

C.D.D. -370.19

A responsabilidade pelo conteúdo e imagens desta obra é do autor. O conteúdo desta obra foi licenciado temporária e gratuitamente para utilização no âmbito do Sistema Universidade Aberta do Brasil, através da UFPI. O leitor se compromete a utilizar o conteúdo desta obra para aprendizado pessoal, sendo que a reprodução e distribuição ficarão limitadas ao âmbito interno dos cursos. A citação desta obra em trabalhos acadêmicos e/ou profissionais poderá ser feita com indicação da fonte. A cópia deste obra sem autorização expressa ou com intuito de lucro constitui crime contra a propriedade intelectual, com sanções previstas no Código Penal.

A apresentação

Este texto é destinado aos estudantes aprendizes que participam do programa de Educação a Distância da Universidade Aberta do Piauí (UAPI) vinculada ao consórcio formado pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Piauí (IFPI), com apoio do Governo do estado do Piauí, através da Secretaria de Educação.

Você está iniciando o estudo de Sociologia da Educação, uma disciplina importante para o exercício da docência, porque, como veremos ao longo do curso, pode ajudar o professor a compreender o contexto no qual ele realiza sua prática educativa e a pensar essa prática. Ao analisar sua prática como social, o professor compreenderá ser a escola um espaço social situado historicamente. Com isso, esperamos que você, sem se tornar sociólogo, possa utilizar o conhecimento produzido por essa disciplina para melhor compreender a escola e seus sujeitos.

Para isso, discutiremos, principalmente, as relações entre a escola e a sociedade. Você, dado o nível de escolaridade que possui, tem já uma experiência importante com a escola. Durante a disciplina, contudo, é preciso que você olhe a escola e a educação com outro olhar, de modo a desnaturalizá-la e compreendê-la como construção histórico-social. Não esquecendo que você viveu todo esse período de sua escolarização na condição de aluno e agora deseja e procura uma nova inserção na escola na condição de professor. Que rupturas e continuidades há entre esses dois modos de viver a escola? Qual o sentido da escola para nós que optamos por continuar vivendo nossas vidas na relação com essa instituição chamada escola? O que nos leva a optar por continuar na escola?

Se vamos enfatizar a dimensão escolar da educação, não podemos esquecer que esta não se restringe à escola. Como prática social, a educação

encontra-se diluída nas diferentes relações de interdependência que os homens estabelecem entre si. A educação encontra-se, pois, presente em diferentes momentos da vida social, sendo a educação escolar apenas uma forma de educação. Portanto, a Sociologia da Educação procura também compreender a educação que ocorre fora da escola, nos diversos momentos em que os indivíduos interagem na sociedade. Na verdade, variando no tempo e no espaço, de sociedade para sociedade e mesmo, dentro de uma mesma sociedade entre os diversos grupos, talvez o mais correto fosse falarmos em educações, no plural. Podemos até não ter frequentado, mas não escapamos da educação.

Desse modo, muito do que discutiremos durante o curso talvez você já tenha proximidade ou tenha intuído a partir de sua experiência como membro da sociedade. Contudo, você deverá esforçar-se para repensar as visões que advêm de sua condição de membro da sociedade. É importante para a disciplina que se inicia que você exercite o repensar de suas noções sobre a sociedade e procurar modificar o seu olhar para ela ou experimente olhá-la de perspectivas com as quais você não está acostumado. Para ajudá-lo no seu repensar, nesse texto, vamos estudar esses temas a partir das várias teorias da Sociologia. Com isso, você deve já suspeitar que defendemos a ideia de que a Sociologia da Educação baseia-se no pensamento sociológico e que é nele que ela encontra seus referenciais conceituais e metodológicos para analisar o fenômeno educativo. Veremos, aqui, que há outras maneiras de se conceber a Sociologia da Educação e que explicitar a que você encontrará nesse livro é importante para que você possa compreender a proposta que ele tem.

Este livro compõe-se de textos, atividades e sugestões de páginas na Internet para você realizar mais leituras. Uma bibliografia será indicada ao final de cada capítulo para que você possa estudar mais sobre o tema. A leitura dos textos propostos vai proporcionar a você aprofundar os temas discutidos nas unidades do curso. Fazê-la é imprescindível para sua formação e para um melhor aproveitamento do curso.

É importante que você partilhe suas reflexões com seus colegas de turma nos chats e na página da disciplina. Você deve, também, comentar os textos de seus colegas, ajudando-os a pensar suas escritas. Esse debate sobre as diferentes compreensões dos temas estudados na disciplina é importante para a formação de todos.

As atividades propostas nas diferentes unidades do curso encontram-

se não no final do texto, como costumeiramente elas aparecem, mas ao longo do mesmo, e devem ser realizadas no momento em que aparecem no livro para que você tenha uma aprendizagem mais efetiva.

Os conteúdos foram organizados em quatro unidades. Na primeira unidade você estudará a história da Sociologia, suas relações com a nascente sociedade industrial/capitalista, e compreenderá as relações entre a Sociologia e a Sociologia da Educação. Na segunda unidade você vai iniciar o estudo do pensamento dos teóricos clássicos da Sociologia e conhecer o modo como eles analisaram o fenômeno educativo. Na terceira unidade você vai compreender alguns dos temas fundamentais da relação escola-sociedade e analisar o lugar da escola na sociedade. Na quarta unidade, você conhecerá mais sobre a relação família e escola e o modo como o estudo das trajetórias escolares, especialmente em camadas populares, podem ajudar a entender o papel da escola na sociedade e proporcionar melhores condições para o professor pensar suas ações didáticas e pedagógicas considerando e relacionando mais efetivamente com as famílias de seus alunos.

Finalmente, não esqueça a importância da leitura para sua formação. Por acreditar nessa importância é que indicaremos textos complementares ao longo do curso. Lembre-se do seu papel na formação que ora inicia e de como do seu desempenho depende o que você aprenderá na disciplina. Esperamos que você, ao final da disciplina, tenha refeito seu olhar sobre a escola e seus sujeitos e que o conhecimento aqui apresentado possa estimulá-lo a buscar mais informações sobre o que aqui estudaremos.



Sumário

11

UNIDADE 1 A SOCIOLOGIA E A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

O surgimento da Sociologia.....	13
A Sociologia e a Sociologia da Educação	20

25

UNIDADE 2 O PENSAMENTO CLÁSSICO EM SOCIOLOGIA E A ANÁLISE DA EDUCAÇÃO

Émile Durkheim	27
Max Weber (1864–1920).....	34
Karl Marx (1818–1883).....	39

49

UNIDADE 3 A EDUCAÇÃO COMO OBJETO DE ESTUDO DA SOCIOLOGIA

A Escola como Espaço Sociocultural.....	51
A Escola: Homogeneidade e Heterogeneidade	52
Processos de Socialização e Educação.....	63
A Temática das Desigualdades e as Teorias Contemporâneas sobre a Educação Escolar	65
Pierre Bourdieu	66
Paul Willis	67

71

UNIDADE 4 AS DESIGUALDADES SOCIAIS E AS TRAJETÓRIAS ESCOLARES

Algumas Características dos Estudos sobre Trajetórias Escolares	74
O Estudo das Desigualdades em Face da Escola e a Construção do Sucesso Escolar em Camadas Populares	75



UNIDADE 01

A SOCIOLOGIA E A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Resumindo

Nessa unidade você conheceu a história da Sociologia, suas relações com a nascente sociedade industrial/capitalista. Soube como um conhecimento elaborado é importante para compreender as possibilidades e limites desse conhecimento. Além disso, estudou as relações entre a Sociologia e a Sociologia da Educação, procurando enfatizar os vínculos existentes entre a análise da educação e a sociologia. Desse modo, essa unidade tratou da constituição da sociologia como conhecimento e das diferentes formas que ela assume ao estudar a educação. Viu-se, ainda, a importância da sociologia para a formação de professores e para sua prática educativa.



1

A SOCIOLOGIA E A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

O surgimento da Sociologia

Vivendo em sociedade estamos imersos naquilo que é o centro da análise da Sociologia. A Sociologia como forma de conhecimento tem seu interesse marcado pelo desejo de compreender a vida social. Como afirma Peter L. Berger (1986, p. 27) “o sociólogo poderá está interessado em muitas coisas. Mas seu interesse dominante será o mundo dos homens, suas instituições, sua história, suas paixões”.

Assim, você inicia aqui um percurso em que será convidado a pensar sobre a vida em sociedade, procurando ver e entender a vida social com o auxílio do conhecimento produzido pela Sociologia. Esperamos que você possa descobrir-se tendo um novo olhar para a sociedade, pois como afirmar Peter L. Berger (1986, p. 30) “qualquer atividade intelectual torna-se estimulante a partir do instante em que se transforma em uma rota de descoberta” . Desejamos que essa disciplina seja para você uma “rota de descoberta” sobre a vida social, possibilitando a você, quem sabe, “(...) a súbita revelação de novas e insuspeitadas facetas da existência humana em sociedade” (BERGER, 1986, p. 33).

Talvez você esteja se perguntado sobre qual o lugar da Sociologia em um curso de formação de professores. Propomos a você, agora, um percurso visando entender melhor esse lugar. Uma forma de se pensar este lugar é entender o que é a Sociologia como forma de conhecimento e o que faz o professor em sua prática profissional.

Começaremos por procurar entender o que é a Sociologia. Inicialmente, a Sociologia pode ser compreendida Giddens, (2005, p. 24) “[...] como o estudo da vida social humana, dos grupos sociais e da sociedade.”. Como você pode observar nessa conceituação a sociologia aparece relacionada



Figura 1. A liberdade guiando o Povo (1830), Mus. do Louvre - Paris. Quadro de Delacroix.

com o estudo das formas coletivas (sociais) da existência humana.

Como forma de conhecimento, a Sociologia deseja responder diversas indagações que resultam da curiosidade do ser humano sobre sua condição: Como se organiza a vida em sociedade? Qual a relação entre indivíduo e sociedade? Como ocorrem as transformações na sociedade? O que mantém a sociedade coesa?

Ou ainda, como afirma Peter L. Berger (1986, p. 29), os sociólogos procuram responder as seguintes indagações: “O que as pessoas estão fazendo umas com as outras aqui? Quais são as relações entre elas? Como essas relações se organizam em instituições? Quais as ideias coletivas que movem os homens e as instituições?”

Você pode se perguntar se o desejo de saber e compreender a vida coletiva é algo recente, como a Sociologia, ou remoto. Afinal, essas indagações parecem ser parceiras antigas do homem na busca da compreensão do seu mundo e do seu viver. Certamente, a reflexão e a observação dos homens sobre as diferentes sociedades e o meio social no qual vivem é uma prática antiga na história da humanidade. Contudo, a Sociologia como forma de conhecimento específico se constituiu, como veremos, mais recentemente. Isso por serem necessárias algumas condições sociais para que uma reflexão, com as pretensões da Sociologia, surgisse. E que condições eram essas?

Nascida e vinculada aos efeitos ocasionados na sociedade pela **Revolução Francesa** de 1789 e pela **Revolução Industrial**, a Sociologia traz as marcas das transformações que essas revoluções deixaram no mundo. Devemos, pois, compreender melhor essa dupla Revolução para perceber como as mudanças que elas ocasionaram no mundo e como essas mudanças proporcionaram a base necessária para a construção de um saber do tipo da Sociologia. Mas, o que significa a palavra Revolução? Uma Revolução implica na mudança radical de uma dada situação. Pensando essa dupla Revolução, que transformações radicais elas fizeram no mundo? Qual a relação dessas mudanças com a emergência de um conhecimento voltado para a compreensão do mundo social? Procure compreender essas Revoluções. Para ajudá-lo nessa compreensão, faça a atividade 1 proposta da página 22.

Como estávamos dizendo, a Sociologia vai procurar entender essas transformações ao mesmo tempo em que resulta delas. Assim a Sociologia vai trazer as marcas desse período, especialmente por sua vinculação com as correntes de pensamento elaboradas no bojo dessas transformações e que procuravam compreendê-las e ao mundo que se formava a partir delas. Destas, destaca-se a relação que a então nascente Sociologia vai estabelecer com o conservadorismo europeu do século XIX. Os **conservadores**, principalmente os franceses, pensavam que a Revolução Francesa, com as transformações que promoveu na organização social, provocara uma desarrumação na ordem social, transtornando a sociedade com suas propostas de **igualitarismo, racionalismo, individualismo e secularização**.

O **dicionário** será uma ferramenta de trabalho importante para você, durante o curso. Por isso, se você ainda não começou a utilizá-lo, comece a fazê-lo, pesquisando o significado dos termos “igualitarismo”, “racionalismo”, “individualismo” e “secularização”. Utilize, em suas pesquisas, dicionários da língua portuguesa e de áreas como Filosofia, Pedagogia, Sociologia e História.

Os conservadores, como **Edmund Burke** (1729–1797), **Joseph de Maistre** (1754–1821) e **Louis de Bonald** (1754–1840), preocupavam-se essencialmente com a manutenção da ordem social. Suas posturas eram uma reação ao **Iluminismo**. Nisbet (1980, p. 126) afirma que “[...] não há uma única proposição crucial sobre o homem, sociedade, religião e moral, encontrada no Iluminismo, que não seja atacada diretamente pelos conservadores.” Mas em que consistiu o Iluminismo? Faça a atividade 2, da página 22, antes de continuar a leitura desse livro.

Agora que você pesquisou sobre o iluminismo podemos voltar a falar do pensamento conservador e de sua relação com a Sociologia. Assim, a Sociologia como conhecimento vai se gestando a partir do conjunto desses pensamentos, não sendo, contudo, uma mera continuação do mesmo. Mesmo assim, as marcas de uma preocupação com a **ordem social** e o **equilíbrio da sociedade** são ressonâncias desse pensamento no interior da Sociologia. Essa preocupação, inclusive, vai ser uma das marcas de nascença da Sociologia e de sua preocupação inicial com a vida social.

A Sociologia vai se consolidando, pois, pelo conjunto do pensamento que se elaborou no século XIX e do desejo de conhecer esse mundo que surgia a partir das transformações geradas na sociedade pela dupla Revolução.



Figura 2. Auguste Comte

Para a construção dessa modalidade de conhecimento concorreram diversos autores e ideias.

Com **Auguste Comte** (1798–1857), a Sociologia é concebida como uma “**Física Social**”:

Entendo por Física Social a ciência que tem por objeto próprio o estudo dos fenômenos sociais, considerados com o mesmo espírito que os fenômenos astronômicos, físicos, químicos e fisiológicos, isto é, como submetidos a leis naturais invariáveis, cuja descoberta é o objetivo especial de suas pesquisas. (COMTE, 1989, p. 53).

Foi Auguste Comte quem criou o termo “**sociologia**” para denominar essa nova forma de conhecimento:

Acredito que devo arriscar, desde agora, este termo novo, sociologia, exatamente equivalente à minha expressão, já introduzida, de física social, a fim de poder designar por um nome único essa parte complementar da filosofia natural que se relaciona com o estudo positivo do conjunto das leis fundamentais apropriadas aos fenômenos sociais. (COMTE, 1989, p. 61).

Contudo, é bom que se entenda que, embora o termo “sociologia” tenha sido criado por **Auguste Comte**, nenhuma forma de conhecimento resulta da reflexão de um só pensador, mas da reflexão de muitos pensadores que, analisando os problemas postos por sua época histórica, vão criando novas formas de compreendê-los. Desse modo, como já dissemos antes, a Sociologia resulta da ação de diversos pensadores.

Com essas marcas de nascimento, a Sociologia surge com o interesse prioritário de analisar os grupos sociais, sem, contudo, descuidar do indivíduo. Ou mais precisamente com o interesse de compreender a vida social dos agrupamentos humanos.

Um dos pontos centrais do esforço realizado pela Sociologia é compreender a relação indivíduo e sociedade de modo a não separar radicalmente um do outro. Norbert Elias (1897–1990) nos ajuda a superar essa **dicotomização**, quando nos mostra que a sociedade é formada por **indivíduos interdependentes**, constituindo **teias de interdependência ou configurações**, que são de diversos tipos (ex. família, escola, cidades).

Em que consiste essas teias de interdependências de que fala Norbert

Dicotomização -
Separação de dois
termos de modo
polarizado.

Elias? Elias(1994, p. 249) assim se expressa sobre elas:

A imagem do homem como 'personalidade fechada' é substituída aqui pela 'personalidade aberta', que possui um maior ou menor grau (mas nunca absoluto ou total) de autonomia face a de outras pessoas e que, na realidade, durante toda a vida é fundamentalmente orientada para outras pessoas e dependente delas. A rede de interdependência entre os seres humanos é o que os liga. Elas formam o nexos do que é aqui chamado configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes. Uma vez que as pessoas são mais ou menos dependentes entre si, inicialmente por ação da natureza e mais tarde através da aprendizagem social, da educação, socialização e necessidades recíprocas socialmente geradas, elas existem, poderíamos nos arriscar a dizer, apenas como pluralidades, apenas como configurações. Eis o motivo porque (...) não é particularmente frutífero conceber os homens à imagem do homem individual. Muito mais apropriado será conjecturar a imagem de numerosas pessoas interdependentes formando configurações (isto é, grupos ou sociedades de tipos diferentes) entre si..

Assim, com o conceito de configuração Norbert Elias desejava ver superada a ideia de um homem completamente isolado da sociedade, situando este em suas relações com os outros na sociedade.

Nem sempre se tem consciência das relações das quais fazemos no interior da sociedade. As teias de independências podem relacionar pessoas que não reconhecem essa relação, algumas vezes, inclusive, pessoas situadas em diferentes espaços geográficos.

Portanto, a noção de interdependência é central para o modo como Norbert Elias analisa a sociedade. Para explicitá-la melhor ele faz uma analogia com uma partida de xadrez:

(...) como em um jogo de xadrez, cada ação decidida de maneira relativamente independente por um indivíduo representa um movimento no tabuleiro social, jogada que por sua vez acarreta um movimento de outro indivíduo -, limitando a autonomia do primeiro e demonstrando sua dependência (ELIAS, 2001, p. 158).

Nas relações de interdependências e configurações os vínculos

podem ser amigáveis ou hostis. Assim, o conceito de configuração utilizado para compreender, por Norbert Elias, não traz em si a ideia de harmonia, numa configuração há tanto aliados como inimigos.

Agora que você compreendeu o sentido da Sociologia para Norbert Elias, você deve se perguntar sobre como o sociólogo se situa na sociedade. Como é possível conhecer a sociedade, como deseja fazer o sociólogo, sendo parte dela e resultado dela?

Norbert Elias (1999, p. 13), alerta para o fato de que “[...] aquele que estuda e pensa a sociedade é ele próprio um dos seus membros [...]” mostrando a importância do estudioso da sociedade colocar-se como parte da sociedade. Para ele o sociólogo ao estudar a sociedade deve manter em relação a ela uma postura de distanciamento (para controlar seus preconceitos) e engajamento (para compreender a experiência que os homens têm da vida social).

Agora, que vimos um pouco mais sobre o modo de pensar a sociedade de Norbert Elias, é possível formulamos, com esse autor, um novo conceito para a Sociologia – ela é o estudo de indivíduos interdependentes.

A esta altura você deve está se perguntando sobre possíveis finalidades do estudo da Sociologia. Que razões podem existir para que você se envolva no estudo sistemático da Sociologia além de ser ela uma disciplina obrigatória de seu curso universitário. Enfim, você pode está se perguntando para que serve a Sociologia? Veremos agora algumas respostas dadas a essa pergunta por alguns praticantes dessa forma de conhecimento conhecida como Sociologia.

Norbert Elias (1999) aponta como uma das tarefas centrais da Sociologia a de tornar mais transparentes as teias de interdependência nas quais as pessoas encontram-se envolvidos. Essas teias de interdependências são opacas e possuem um caráter incontrolável. Com a análise dessas teias a Sociologia contribuiria para impedir que as pessoas fossem arrastadas por essas teias de um “modo cego e arbitrário”.

Franco Ferrarotti (1986, p. 151) aponta uma outra utilidade da Sociologia considerando seus usos para auxiliar a tomada de decisões políticas. Nesse caso, a Sociologia seria útil por ser

(...) capaz de oferecer ao político uma série de alternativas possíveis, avaliar com uma grande aproximação o custo social das decisões tomadas ou a tomar, revelar as condições existentes e as mudanças a efetuar – na

estrutura demográfica, na escola, nos serviços públicos fundamentais – para que as decisões tomadas em vista de um posterior desenvolvimento não tenham efeitos de distorção nem transformem o desenvolvimento socioeconômico equilibrado num processo de expansão pura e simples, condenado a agravar os desequilíbrios preexistentes e a criar outros novos .

Podemos ainda pensar em outras utilidades da Sociologia. Com suas pesquisas, a Sociologia nos ajuda a pensar nossa experiência de modo mais amplo, **desnaturalizando** o mundo no qual estamos imersos e ajudando a superar a sensação de familiaridade que temos em relação a ele. Como afirma Giddens (2005, p. 24):

A maioria de nós vê o mundo a partir de características familiares a nossa própria vida. A sociologia mostra a necessidade de assumir uma visão mais ampla sobre por que somos como somos e por que agimos como agimos. Ela nos ensina que aquilo que encaramos como natural, inevitável, bom ou verdadeiro, pode não ser bem assim e que os “dados” de nossa vida são fortemente influenciados por forças históricas e sociais. Entender os modos sutis, porém complexos e profundos, pelos quais nossas vidas individuais refletem os contextos de nossa experiência social é fundamental para abordagem sociológica.

Assim, através da Sociologia, é possível compreendermos nossa condição no mundo, de modo a vê-la em sua relação com as forças históricas e sociais que a influenciam. Como afirma o sociólogo C. Wright Mills (1982), a **imaginação** sociológica permite realizarmos a junção entre história, sociedade e biografia e, dessa forma, compreendermos o mundo no qual vivemos. Dessa maneira, é possível perceber o que está acontecendo no mundo e o que acontece com cada um de nós.

Como você pode perceber, a Sociologia, desde sua gênese, é uma forma de conhecimento onde o desejo de compreender vincula-se, muitas vezes, ao desejo de intervir no contexto que estuda. Esse vínculo, contudo, não é o principal na produção do conhecimento pela Sociologia, sendo sua missão primeira ver e compreender a realidade social. Como afirma Peter L. Berger (1986, p. 13) “a sociologia não é uma ação, e sim uma tentativa de compreensão. É evidente que essa compreensão pode ser de utilidade para

quem age”.

A Sociologia e a Sociologia da Educação

Agora que você já sabe o que é Sociologia deve estar se perguntando sobre o que todo este percurso feito tem a ver com a Sociologia da Educação. Ou, dito de outra forma, o que é Sociologia da Educação e qual sua importância nos cursos de formação de professores? É sobre esse tema que refletiremos um pouco agora, antes de prosseguirmos no estudo de alguns temas da Sociologia da Educação.

Vamos pensar essas perguntas por parte

Veremos, na próxima unidade do curso, que a Sociologia da Educação nasce juntamente com a Sociologia, especialmente se considerarmos a obra de Émile Durkheim. Antes disso, contudo, é preciso dizer que há várias maneiras de se conceber e de praticar a Sociologia da Educação. Veremos agora algumas dessas possibilidades de compreensão do que seja Sociologia da Educação.

Antônio Cândido, no texto *Tendências no desenvolvimento da Sociologia da Educação*, de 1955, identificou três grandes orientações nos estudos sociológicos da educação:

- Uma filosófico-sociológica – caracterizada por preocupar-se com a definição do caráter social do processo educativo, procurando estabelecer as articulações gerais existentes entre a sociedade e a educação;
- Uma pedagógico-sociológica – caracterizada pela preocupação com o estudo social da educação, visando o bom funcionamento da escola; e, finalmente,
- Sociologia da Educação – que vê a Sociologia da Educação como um ramo da Sociologia e, embora herdeira das duas anteriores, tenta, ao mesmo tempo, afastar-se do caráter especulativo da primeira e do imediatismo da segunda orientação. (PEREIRA; FORACCHI, 1977, p. 7-18).

Pelo modo como estamos construindo a disciplina, você deve ter percebido que procuramos desenvolvê-la mais de acordo com esta última orientação. Podemos pensar a **Sociologia da Educação** como sendo

“[...] o ponto de vista (sociológico) sobre os fenômenos educativos (quaisquer que sejam as suas extensões) que se refaz e amplia continuamente na ‘troca’, nem sempre igual, com as demais sociologias [...]” (ESTEVES, 1992, p. 101).

Há, portanto, uma relação estreita entre a Sociologia da Educação e as teorias sociológicas, que requer conhecimentos básicos nessa área de saber. A ideia aqui colocada é a da ruptura com uma compreensão que fragmenta a Sociologia em sociologias especiais.

Você deve estar se perguntando, agora que já sabe qual a perspectiva do curso, sobre a importância desse estudo para sua atividade como docente.

Qual a importância da Sociologia para a prática dos professores?

Karl Mannheim e **W. A. C. Stewart** (1978) afirmam que a importância da Sociologia para os futuros docentes está, especialmente, em fornecer-lhes instrumentos para a análise da sociedade, ajudá-los a pensar o lugar da educação na ordem social e a compreender as vinculações da educação com outras instituições (família, comunidade, igrejas, dentre outras). Isso significa tornar mais claros os horizontes de sua prática profissional e a relação dela com a sociedade.

Stephen E. Stoer (1992) aponta as seguintes razões para o estudo da Sociologia da Educação por futuros professores:

- a Sociologia da Educação pode aumentar as possibilidades de uma melhoria da prática docente;
- a Sociologia da Educação pode esclarecer os docentes sobre as dimensões sociais de sua profissão;
- a Sociologia da Educação pode possibilitar aos docentes a compreensão dos determinantes sociais do processo educativo dos alunos;
- a Sociologia da Educação pode levar os docentes a entender as tensões sociais existentes nas escolas;
- a Sociologia da Educação pode auxiliar os docentes na elaboração de currículos, na estruturação de atividades escolares, na interpretação da legislação educacional e das políticas educacionais;



Figura 3. Karl Mannheim.

- a Sociologia da Educação pode ajudar os professores a perceber a importância das diferenças e identidades culturais na escola;
- e, especialmente, a Sociologia da Educação pode ajudar os docentes a interrogar a sua prática e a escola e a recriá-las.

As razões apontadas acima nos levam a compreender o lugar da Sociologia da Educação nos cursos de formação de professores e a importância dela para a prática profissional do professor. O professor, através da Sociologia da Educação, pode compreender melhor os sujeitos presentes no espaço escolar, a ação escolar e a si mesmo.

Contudo você não deve esquecer que a Sociologia da Educação interessa a compreensão do modo como a sociedade se reproduz e dos processos de socialização em geral. Como vimos, embora a escola tenha ocupado um local central na análise realizada pela Sociologia da Educação, seu interesse é mais abrangente e envolve dimensões importantes da vida social influenciadoras, inclusive, da ação escolar.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

Atividade 1

Pesquise sobre a Revolução Francesa e sobre a Revolução Industrial, destacando os aspectos dessas Revoluções que modificaram a vida social. Depois, tente compreender como essas transformações proporcionaram o surgimento da Sociologia. Por último, escreva um pequeno texto e compartilhe esse texto com seus colegas.

Atividade 2

Pesquise sobre o Iluminismo e produza um pequeno texto sintetizando as ideias e os principais representantes desse movimento e compartilhe com seus colegas.

Atividade 3

Sobre a ideia de uma sociologia processual em Norbert Elias, leia o texto de Tatiana Savoia Landini, no endereço

“http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/cd_Simposio/artigos/mesa_debates/art27.pdf “ e comente, especialmente, os princípios da sociologia de Elias.

Atividade 4

Antes de prosseguir na leitura do livro, escreva um pequeno texto indicando como você responderia essa pergunta. Depois compare suas respostas com as colocadas a seguir no texto e, caso pense ser necessário, reformule seu texto.

Atividade 5

Escreva um texto dizendo o que você entendeu ser a Sociologia e como o conhecimento por ela produzido se vincula com a nossa vida. Disponibilize seu texto para seus colegas de turma e discuta os textos deles. Considerando essa discussão refaça seu texto.

Atividade 6

Antes de ler algumas possíveis repostas a esta indagação, escreva um pequeno texto, expondo como você pensa a relação entre Sociologia e docência. Partilhe suas reflexões com os colegas de curso.

Atividade 7

- Considerando o acima exposto, como você explicaria a necessidade do professor se apropriar dos instrumentos da análise sociológica para sua prática docente?
- Leia o texto As finalidades sociológicas da educação na formação de professores, de Telmo H. L. Caria, no endereço http://home.utad.pt/~tcaria/actividades_interesses/AsFinalidadesSociologicas.pdf e responda:
 - a) Como a Sociologia da Educação pode ajudar os professores a superar sua relativa passividade diante dos problemas da escola?
 - b) Como é proposta a resolução da dicotomia entre subjetivismo e objetivismo na construção do conhecimento sociológico?

UNIDADE 02

O PENSAMENTO CLÁSSICO EM SOCIOLOGIA E A ANÁLISE DA EDUCAÇÃO

Resumindo

Nessa unidade, você iniciou o estudo do pensamento dos teóricos clássicos da Sociologia e conheceu o modo como eles analisaram o fenômeno educativo. Você verá que o pensamento clássico em Sociologia tem sua importância pelo caráter profundo, original e pela repercussão desse pensamento na Sociologia que hoje é elaborada. Você compreendeu a necessidade de conhecer os conceitos elaborados e o modo como cada um dos pensadores clássicos aqui estudados realizaram sua análise da sociedade. Para o estudo do pensamento clássico em sociologia estamos considerando as obras de Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber. Outros pensadores poderiam ser acrescidos a esta lista, contudo, considerando a carga horária da disciplina e seus objetivos, estudaremos somente esses três teóricos fundamentais para a constituição da sociologia como conhecimento.



2

O PENSAMENTO CLÁSSICO EM SOCIOLOGIA E EM ANÁLISE DA EDUCAÇÃO

Como você já viu anteriormente, a Sociologia como forma de conhecimento foi se constituindo graças ao desenvolvimento do pensamento sobre a sociedade fruto das transformações da sociedade e do empenho de pensadores que procuraram desenvolver formas de conhecer a vida social.

Um autor torna-se um clássico pela importância de sua obra para a continuidade ou mesmo a constituição de um determinado campo de saber. Sua importância pode ser constatada pela recorrência de seus temas ou pela necessidade que outros autores têm de dialogar com os escritos desses pensadores.

Sem desconhecer a existência ou importância de outros autores contemporâneos aos que aqui serão estudados por você, nos centraremos no pensamento de Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx. Esses autores são importantes por terem se tornado a base de diferentes correntes teóricas hoje presentes no campo da Sociologia.



Figura 1. Émile Durkheim

Émile Durkheim

Como já dissemos acima, a Sociologia tem nas obras de **Émile Durkheim** (1858–1917), Max Weber (1864–1920) e Karl Marx (1818–1883) seus marcos referenciais clássicos. Os dois primeiros desses pensadores marcaram, com os seus trabalhos, a gênese da Sociologia como forma de conhecimento, procurando constituí-la como campo de conhecimento.

Começaremos o estudo desses clássicos pelo pensamento do francês Émile Durkheim. Antes de estudarmos alguns aspectos de sua obra, veremos alguns dados biográficos de Durkheim.

Datas	Dados Biográficos	Algumas Obras
1858	Nasce Durkheim em Epinal, Loraine na fronteira Nordeste da França.	
1879	Durkheim entra na Escola Normal Superior.	
1882	Concurso de docência em Filosofia. Nomeado professor em Sens e Saint-Quentin.	
1885	Solicita licença para estudar ciências sociais em Paris e depois na Alemanha	
1886	Retorna da Alemanha	
1887	Nomeado professor de pedagogia e ciência social na Faculdade de Bourdeaux	Publica os artigos: <ul style="list-style-type: none"> • Estudos recentes da ciência social; • A ciência positiva da moral na Alemanha; • A filosofia nas universidades alemãs.
1888		<ul style="list-style-type: none"> • Artigo sobre Suicídio e Natalidade; • Artigo curso de ciência social - aula inaugural.
1893	Defende tese de doutorado	<ul style="list-style-type: none"> • Divisão do trabalho social; • Contribuição de Montesquieu na constituição da ciência social.
1895		As regras do método sociológico
1896	Funda o L'Année Sociologique	

1897		O Suicídio
1902	Nomeado para a cadeira de pedagogia da Sorbonne	
1906	Nomeado professor da cadeira de pedagogia da Faculdade de Letras de Paris, onde ensina paralelamente sociologia e pedagogia.	A determinação do fato moral
1911		Julgamento de realidade e julgamento de valor
1913	A cadeira que era titular passa a denominar-se cadeira de sociologia	
1915	Durkheim perde seu único filho, morto na Guerra.	A Alemanha acima de tudo. A mentalidade alemã e a Guerra. Quem quis a guerra? As origens da guerra segundo documentos diplomáticos
1917	Morre em Paris	
1922		<ul style="list-style-type: none"> • Educação e Sociologia • Educação Moral • Sociologia e Filosofia
1928		O socialismo – a definição, seu começo, a doutrina saint-simoniana.
1950		Lições de sociologia : física dos costumes e do direito.
1955		Pragmatismo e Sociologia
1970		A ciência social e a ação

Como você pode observar no quadro acima as obras de Durkheim que se referem diretamente à educação foram publicadas após sua morte a partir de notas de aulas organizadas por ex-alunos seus.

Durkheim preocupou-se em constituir a então nascente Sociologia

como uma ciência. Para tanto se dedicou a definir, para essa forma de conhecimento que procurava consolidar, um objeto de estudo e uma metodologia que garantisse um lugar no conhecimento do homem sobre o mundo.

Então, qual era para ele o objeto de estudo da Sociologia? Para o francês Émile Durkheim, o objeto de estudo da Sociologia eram os fatos sociais. Leia o trecho abaixo do livro *As regras do método sociológico* de Émile Durkheim, no qual ele define os fatos sociais:

Para conhecer mais sobre conceitos de fatos sociais leia o trecho retirado do livro “As regras do método sociológico” de Émile Durkheim.

Chegamos assim a conceber de maneira precisa qual o domínio da sociologia, o qual não engloba senão um grupo determinado de fenômenos. O fato social é reconhecível pelo poder de coerção externa que exerce ou é suscetível de exercer sobre os indivíduos; e a presença deste poder é reconhecível, por sua vez, seja pela existência de alguma sanção determinada, seja pela resistência que o fato opõe a qualquer empreendimento individual que tenda a violentá-lo. Todavia, podemos defini-lo também pela difusão que apresenta no interior do grupo, desde que, de acordo com as precedentes observações, se tenha o cuidado de acrescentar como característica segunda e essencial, que ele existe independentemente das formas individuais que toma ao se difundir.

Em alguns casos, este último critério é até mesmo mais fácil de aplicar do que o anterior. Com efeito, a coerção é fácil de constatar quando ela se traduz no exterior por qualquer reação direta da sociedade, como é o caso em se tratando do direito, da moral, das crenças, dos usos, e até das modas. Mas, quando não é senão indireta, como a que exerce uma organização econômica, não se deixa observar com tanta facilidade. Generalidade e objetividade combinadas podem então ser mais fáceis de estabelecer. A segunda definição não constitui senão uma forma diferente que toma a primeira; pois o comportamento que existe exteriormente às consciências individuais só se generaliza impondo-se a estas.

Poder-se-ia, todavia, perguntar se esta definição é completa. Com efeito, os fatos que nos forneceram a base para ela são todos eles modos de agir; são de ordem fisiológica. Ora, existem também maneiras de ser coletivas,

isto é, fatos sociais de ordem anatômica ou morfológica. A sociologia não se pode desinteressar daquilo que concerne ao substrato da vida coletiva. No entanto, o número e a natureza das partes elementares de que é composta a sociedade, a maneira pela qual estão dispostas, o grau de coalescência a que chegaram, a distribuição da população na superfície do território, o número e a natureza das vias de comunicação, a forma das habitações, etc., não parecem, a um primeiro exame, passíveis de se reduzirem a modos de agir, de sentir e pensar.

Contudo, em primeiro lugar, apresentam estes diversos fenômenos o mesmo traço que nos serviu para definir os outros. Do mesmo modo que as maneiras de agir de que já falamos, também as maneiras de ser se impõem aos indivíduos. De fato, quando queremos conhecer como está uma sociedade dividida politicamente, como se compõem estas divisões, a fusão mais ou menos completa que existe entre elas, não é com o auxílio de uma investigação material e por meio de observações geográficas que poderemos alcançá-lo; pois estas divisões são morais, ainda quando apresentam algum ponto de apoio na natureza física.

È somente através do direito público que se torna possível estudar tal organização, pois é ele que a determina, assim como determina nossas relações domésticas e cívicas. Tal organização não é, pois, menos obrigatória do que outros fatos sociais. Se a população se comprime nas cidades em lugar de se dispersar nos campos, é porque existe uma corrente de opinião, uma pressão coletiva que impõe aos indivíduos esta concentração. Não podemos escolher a forma de nossas casas, nem a de nossas roupas; pois uma é tão obrigatória quanto a outra. As vias de comunicação determinam de maneira imperiosa o sentido em que se fazem as migrações interiores e as trocas, e mesmo até a intensidade de tais trocas e tais migrações, etc., etc. Por conseguinte, haveria, no máximo, possibilidade de acrescentar à lista de fenômenos que enumeramos como apresentando o sinal distintivo do fato social uma categoria a mais, a das maneiras de ser; e como aquela enumeração nada tinha de rigorosamente exaustiva, a adição não era indispensável.

Mas não seria nem mesmo útil; pois tais maneiras de ser não passam de maneiras de agir consolidadas. A estrutura política de uma sociedade não é mais do que o modo pelo qual os diferentes segmentos que a compõem tomaram o hábito de viver uns com os outros. Se suas relações são tradicionalmente estreitas, os segmentos tendem a se confundir; no caso

contrário, tendem a se distinguir.

O tipo de habitação a nós imposto não é senão a maneira pela qual todo o mundo, em nosso redor, e em parte as gerações anteriores, - se acostumaram a construir as casas. As vias de comunicação não passam de leitos que a corrente regular das trocas e das migrações, caminhando sempre no mesmo sentido, cavou para si própria, etc. Sem dúvida, se os fenômenos de ordem morfológica fossem os únicos a apresentar esta fixidez, poder-se-ia acreditar que constituem uma espécie à parte.

Mas as regras jurídicas constituem arranjos não menos permanentes do que os tipos de arquitetura e, no entanto, são fatos fisiológicos. A simples máxima moral é seguramente mais maleável; porém, apresenta formas muito mais rígidas do que os meros costumes profissionais ou do que a moda. Existe toda uma gama de nuances que, sem solução de continuidade, liga os fatos de estrutura mais característicos a estas livres correntes da vida social que não estão ainda presas a nenhum molde definido.

O que quer dizer que não existem entre eles senão diferenças no grau de consolidação que apresentam. Uns e outros não passam de vida mais ou menos cristalizada. Pode, sem dúvida, ser mais interessante reservar o nome de morfológicos para os fatos sociais concernentes ao substrato social, mas sob a condição de não perder de vista que são da mesma natureza que os outros. Nossa definição compreenderá, pois, todo o definido, se dissermos: é fato social toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou então ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter.

(DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. 13. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987, p. 8-9).

Durkheim foi influenciado pelo pensamento cientificista do século XIX estando interessado em definir um objeto de estudo e uma metodologia para a Sociologia.

Dada a definição do objeto de estudo da Sociologia e a possibilidade de reconhecê-lo na sociedade, como este objeto poderia ser estudado? Para Durkheim, os fatos sociais deveriam ser tratados como coisas. O que significa tratar os fatos sociais como coisas? Significa tratá-los como algo que, para ser conhecido, necessita de um esforço de pensamento.

Como vivemos cotidianamente imersos na sociedade, temos a ilusão de conhecer os fatos sociais. Por isso Durkheim afirma a necessidade de suspeitar das noções primeiras que formam nosso senso comum, as **pré-noções**. Considerar os fatos sociais como coisas é reconhecer que eles não são imediatamente perceptíveis, mas sua compreensão requer o auxílio da ciência. Assim, com essa afirmação, Durkheim quer indicar a postura intelectual a ser adotada no estudo dos fatos sociais.

E como Durkheim via a educação? Para Durkheim, a educação é considerada um fato social, isto é, satisfaz os três critérios de definição do **fato social**: é **coercitiva** (por se impor aos indivíduos), é **exterior** ao indivíduo (por ser construída socialmente) e é **geral**.

A coercitividade pode ser percebida na força que a regra social exerce sobre o indivíduo, embora esse possa resistir a ela e essa força se faça presente e imperceptível pela conformação do indivíduo a ela. Não se resiste a regra social, contudo, sem que uma sanção seja aplicada ao que se opõe a ela.

A exterioridade dos fatos sociais em relação ao indivíduo pode ser compreendida considerando que o indivíduo ao nascer já encontra uma sociedade constituída e, também, que a sociedade é uma criação da ação de vários indivíduos que por suas interrelações vão construindo a vida social.

Sua definição de educação diz que a educação é

[...] a ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontrem ainda preparadas para a vida social; tendo, por objetivo, suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio social, ao qual a criança, particularmente, se destina. (DURKHEIM, 1973, p. 41).

Durkheim afirma que em cada um de nós existiriam dois seres: **um individual** (“constituído de todos os estados mentais que não se relacionam senão conosco mesmo e com os acontecimentos de nossa vida pessoal”) e outro **social** (“um sistema de ideias, sentimentos e hábitos, que exprimem em nós, não a individualidade, mas o grupo ou os grupos diferentes de que fazemos parte”). O objetivo da educação é constituir em cada indivíduo o ser social.

Na educação, teríamos uma relação entre **desiguais** (adulto – já portando a sociedade em si - e uma criança, na qual falta esse ser social) e

de caráter **assimétrico** (adulto age sobre a criança, visando criar nela o ser social).

Considerando a necessidade de unidade da sociedade e, ao mesmo tempo, sua diversificação, a educação se caracterizaria, também, segundo Durkheim, por ser ao mesmo tempo **una e múltipla**, tendo em vista preparar o indivíduo para a vida coletiva e para o meio social especial a que ele particularmente se destinará.

O professor é, na visão de Durkheim, a encarnação e a personificação do dever. Portanto, a autoridade moral é a qualidade principal do professor. Essa autoridade não deve ser exercida tendo por base a violência física, mas a ascendência moral do professor.

A liberdade e autoridade não se excluem, estando relacionadas intimamente, pois, para Durkheim, a liberdade resulta da autoridade bem compreendida. Ser livre não é fazer aquilo que se tem vontade, mas ser dono de si próprio, sabendo agir segundo a razão, cumprindo o dever. A autoridade do professor deve dotar a criança desse domínio sobre si mesma pela interiorização da norma (DURKHEIM, 1973).

A cada período histórico e a cada sociedade corresponde um tipo de educação. Durkheim considera ilusório querermos educar nossos filhos sem considerarmos o período e a sociedade em que vivemos. Se criarmos nossos filhos com ideias avançadas ou ultrapassadas em relação a nossa época, a sociedade punirá essa inadequação de formação, pois não permitirá ao indivíduo uma vida conforme seu tempo.

A educação é, para Durkheim, um mecanismo importante de reprodução da sociedade, pois através dela se perpetuam pensamentos, maneiras de ser e posições sociais, sendo, portanto, fundamental para a manutenção da coesão social e para a manutenção da sociedade.

Max Weber (1864–1920)

Estudaremos agora alguns aspectos da obra do sociólogo alemão Max Weber. Como fizemos com o francês Émile Durkheim veremos inicialmente uma cronologia da vida e obra de Weber.

Como Durkheim, Weber pensou também sobre o objeto da sociologia e a metodologia para o estudo desse objeto.

Datas	Dados Biográficos	Algumas Obras
1864	Nasce Max Weber em Erfurt, na Turíngia.	
1869	Muda-se para Berlim com a família	
1882	Inicia o curso de Direito na Universidade de Heildberg, seguindo também cursos de Economia, História e outras matérias.	
1889	Apresenta sua tese de doutoramento sobre a história das Companhias comerciais na idade Média.	
1891	Inicia em Berlim a docência universitária	História Agrária Romana
1893	Casa-se com Maria nne Schnitger	
1894	Torna-se professor de Economia Política em Fribourg	As tendências na evolução da situação dos trabalhadores rurais na Alemanha Oriental
1896	Torna-se professor catedrático em Heildelberg	As causas sociais da decadência da civilização antiga
1903	Funda com Werber Sombart os Archiv fur Sozialwissenschaft um Sozialpolitik	
1904	Viagem para os Estados Unidos	Publicação de A Ética Protestante e o espírito do Capitalismo
1910	Funda com Tonnies e Simmel a Sociedade Alemã de Sociologia	
1916-1917		Publica trabalhos sobre Sociologia da Religião
1918	Ministra curso na Universidade de Viena	

1919	Assume a cátedra de Economia na Universidade de Munique	
1920	Morre Weber em Munique na epidemia de gripe	
1921		É publicada Economia e Sociedade
1923		História Geral da Economia



Figura 2. Max Weber.

Para o alemão Max Weber, a Sociologia deveria concentrar-se na análise da **ação social**, sendo uma **ciência compreensiva**. E o que Max Weber entendia por ação social? Para Weber, a ação social ocorre quando o sentido pensado pelo indivíduo considera a conduta dos outros no momento em que uma ação é praticada. Assim, o **sentido** é que dá à ação social seu caráter específico. A Sociologia deveria, pois, compreender os significados existentes nessas ações.

Weber, em seu texto *Sobre algumas categorias da Sociologia Compreensiva*, assim define a ação social:

A ação que especificamente tem importância para a sociologia compreensiva é, em particular um comportamento que: 1) está relacionado ao sentido subjetivo pensado daquele que age com referência ao comportamento de outros; 2) está co-determinado no seu decurso por uma referência significativa e, portanto, 3) pode ser explicado pela compreensão a partir deste sentido mental (subjetivamente). (WEBER, 1992, p. 315).

Como você já deve ter percebido, a proposição de Weber para a análise sociológica difere da de Durkheim especialmente pelo fato de Weber pensar, como você viu, a **ação social** e o **sentido** como componentes importantes da sociedade. Desse modo, para Weber, o objetivo primordial da Sociologia é captar a relação de sentido da ação humana.

Na perspectiva sociológica elaborada por Weber, um outro conceito importante é o de **tipo ideal**. Weber, no texto *A "Objetividade" do Conhecimento nas Ciências Sociais e na Ciência Política*, assim define **tipo ideal**:

Obtém-se um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou vários pontos de vista, e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos isoladamente dados, difusos e discretos, que se podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo, e que se ordenam segundo os pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de se formar um quadro homogêneo de pensamento. É impossível encontrar empiricamente na realidade esse quadro, na sua pureza conceitual, pois trata-se de uma utopia. A atividade historiográfica defronta-se com a tarefa de determinar, em cada caso particular, a proximidade ou afastamento entre a realidade e o quadro ideal [...] Ora, desde que cuidadosamente aplicado, esse conceito cumpre as funções específicas que dele se esperam, em benefício da investigação e da representação. (WEBER, 1992, p. 137, grifos do autor).

Os tipos ideais, como você pode perceber no parágrafo anterior, são construções do pesquisador que são usadas para analisar o mundo, não significando que encontraremos na realidade esses tipos ideais. A utilidade da constituição dos tipos ideais está, como afirma Giddens (2005, p. 34), no fato de que “[...] qualquer situação do mundo real pode ser compreendida ao compará-la a um tipo ideal.”

A análise que Weber faz da sociedade capitalista reconhece que há uma luta latente entre os indivíduos pela existência. Portanto, o conflito é parte dessa análise da sociedade. Assim, existiria na sociedade uma **seleção** que resultaria desse processo de luta entre os indivíduos, e a educação seria um fator importante para o êxito do indivíduo nessa seleção social.

Como parte de um contexto de luta, a educação vincula-se aos diferentes tipos de dominação construídos por Weber. Na escola, como em outras instituições sociais, temos a presença da dominação.

Para Weber, deve-se entender por dominação “a probabilidade de encontrar obediência dentro de um grupo determinado para mandatos específicos (ou para toda sorte de mandatos)”. Essa deve encontrar “um determinado grau mínimo de vontade de obedecer” e uma crença em sua legitimidade.

Weber concebe três tipos ideais de legitimidade como base para a dominação:

1. racional - que se baseia “na crença na legalidade das ordenações instituídas e dos direitos de mando dos chamados por essas

- ordenações a exercer a autoridade: autoridade legal”;
2. tradicional – que se baseia “na crença cotidiana da santidade das tradições que vigoram desde tempos longínquos e na legitimidade dos que são designados por essa tradição para exercer a autoridade: autoridade tradicional”;
 3. carismática – que se baseia “sobre a entrega extracotidiana à santidade, ao heroísmo ou à exemplaridade de uma pessoa e às ordenações por ela criadas ou reveladas: autoridade carismática”.

No texto *Os letrados chineses*, Weber afirma, embora não pretenda ser exaustivo, quanto as finalidades da educação, que historicamente:

[...] os dois pólos opostos no campo das finalidades da educação são: despertar o carisma, isto é, qualidades heróicas e dons mágicos, e transmitir o conhecimento especializado. O primeiro tipo corresponde à estrutura carismática do domínio; o segundo corresponde à estrutura (moderna) de domínio, racional e burocrático. Os dois tipos não se opõem, sem ter conexões ou transições entre si (WEBER, 1982, p. 482).

Desse modo, à educação carismática corresponderia a dominação carismática; à educação do especialista, a dominação burocrática. Weber distinguiu ainda um terceiro tipo, a do homem culto, expressão empregada por ele no:

[...] sentido de mostrar que o fim da educação não era um treinamento especializado, senão uma qualidade no modo de viver valorizado como culto. A personalidade culta no sentido cavalheiresco ou ascético ou (como na China) literário ou (como na Grécia) ginástico-musical ou (como nos anglo-saxões) na forma convencional do gentleman era o ideal educativo determinado pela estrutura de domínio e pelas condições sociais de pertencimento à camada dos senhores (WEBER, 1992, p.751 e 752).

Nos diferentes tipos de sociedade, Weber percebe a existência de relação entre a posse de um determinado tipo de educação e o estabelecimento de prestígio social, que redundava muitas vezes em benefícios econômicos e privilégios para seus possuidores.

Assim, a importância da análise de Weber para o estudo da educação

reside especialmente no fato de que Weber concebe a educação para além da instituição escolar, destacando, por exemplo, o papel da família na formação dos jovens: “A autoridade dos pais e da escola influencia muito além daqueles bens culturais de caráter (aparentemente) formal, pois forma a juventude e dessa maneira os homens.” (WEBER, 1992, p. 172).

A máquina a vapor aumentou a produção do carvão.

Weber concebe a educação em sentido amplo, por exemplo, quando discute, na obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, a formação religiosa dos católicos e protestantes. Assim, para Weber, a educação não se restringiria à escola, mas em diversas esferas da sociedade teríamos a produção, através de uma ação educativa, dos homens e das mulheres.

Karl Marx (1818–1883)

Como fizemos com Max Weber e Émile Durkheim, colocaremos agora alguns marcos temporais da vida e da obra de Karl Marx, para que você possa situá-lo em seu contexto histórico.

Para Saber Mais

Indicamos a leitura dessa obra como complementar: MARX, Karl ; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. Disponível em < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000003.pdf> >.

Karl Marx (1818–1883) e Friederich Engels (1820–1895) não produziram um pensamento estritamente sociológico. Contudo, a aproximação da Sociologia com a obra por eles escrita foi fundamental para o desenvolvimento da Sociologia.

Datas	Dados Biográficos	Algumas Obras
1818	Nasce Karl Marx em Tréves, na Prússia renana.	
1835	Estudos de direito na universidade de Bonn	
1836	Estuda Direito, Filosofia e História em Berlim.	
1841	Doutoramento em Filosofia pela universidade de Iena.	

1842	Redator da gazeta Renana	Escreve artigos diversos
1843		Questão judaica. Introdução à contribuição da filosofia do direito em Hegel. Manuscritos de 1843.
1844	Conhece Fredrich Engels	Manuscritos de 1844. A sagrada família.
1845		Teses sobre Feuerbach. A ideologia Alemã
1847		Miséria da Filosofia
1848	Funda a Nova Gazeta Renana.	Manifesto do Partido Comunista
1849		Trabalho assalariado e capital
1850		As lutas de classe na França
1852		O Dezoito Brumário de Luis Bonaparte.
1857		Fundamentos da crítica da economia política
1859		Contribuição à Crítica da Economia Política
1864	Marx colabora para a criação da Associação Internacional dos Trabalhadores (I Internacional)	
1865		Salário, preço e lucro
1867		O Capital, livro I
1871		A guerra Civil na França
1875		Crítica do Programa de Gotha
1883	Karl Marx morre em Londres	
1885		O Capital, livro II(publicado por Engels)
1894		O Capital , livro III(publicado por Engels)
1905		Livro IV de O Capital

A obra de Karl Marx refere-se, especialmente, ao desenvolvimento da sociedade capitalista, embora não se restrinja a ela. A sociedade capitalista caracteriza-se por ser uma sociedade produtora de **mercadorias**. No livro 1 de sua obra *O Capital*, Marx assim se define **mercadoria**:

[...] a mercadoria é, antes de mais nada, um objeto externo, uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, seja qual for a natureza, a origem delas, provenham do estomago ou da fantasia. (MARX, 1985, p. 41).

No pensamento de Marx, **ação e teoria** se relacionam intrinsecamente. O seu interesse de estudo volta-se para a **totalidade**, o que implica o estudo do mundo material e do mundo humano considerados em seu desenvolvimento histórico.

Assim, a história da humanidade é a história da relação dos homens com a natureza e das relações que os homens estabelecem entre si. Essas relações são mediatizadas pelo trabalho humano. Por isso, **trabalho** é uma categoria central do pensamento de Marx.

Para Marx, o cerne das transformações da sociedade era a existência do **conflito** entre as diferentes classes sociais. Em cada época histórica, haveria uma classe dominante e uma classe dominada, definidas a partir das relações que estabelecem com a propriedade dos meios de produção. Na sociedade capitalista, os capitalistas, que detêm o capital, formariam a classe dominante da sociedade. A outra parcela da população, a assalariada, comporia a classe operária. Os conflitos e a insurreição da classe dominada política e/ou economicamente proporcionariam a transformação da sociedade.

Como você já deve ter percebido, o homem como ser social tem, para Marx, a característica de ser um ser da práxis, ou seja, um ser cuja atividade cria a realidade. A práxis é constituidora da vida social do homem, sendo o homem um ser social e histórico que produz e é produzido pela sociedade. Dessa forma, a educação é um processo histórico no qual os homens em mútua relação vão se constituindo.

Embora Marx não tenha escrito obras específicas sobre educação, ao longo de sua obra podemos perceber a preocupação com a formação dos

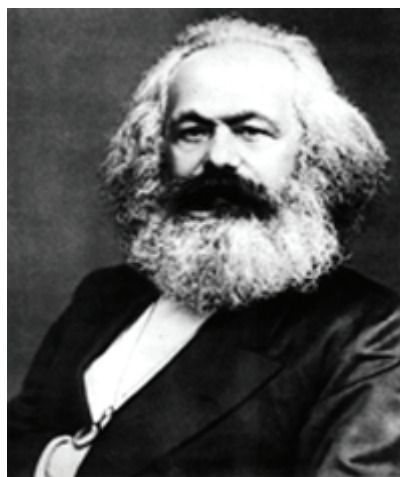


Figura 3. Karl Marx.

homens e, portanto, com a educação.

Na perspectiva de análise marxista, o projeto de formação do homem deve se encaminhar para a superação da separação entre trabalho manual e trabalho intelectual e realizar a formação do homem completo. E o que seria esse homem completo? Aquele que surgiria de uma sociedade e uma formação possibilitadora do desenvolvimento das capacidades humanas, resultante da superação da divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual. Vejamos como a isso se refere Marx, em um trecho de seu livro **A Ideologia Alemã**:

Com efeito, desde o momento em que o trabalho começa a ser distribuído, cada um dispõe de uma esfera exclusiva e determinada, que lhe é imposta e da qual não pode sair; o homem é caçador, pescador, pastor ou crítico, e aí deve permanecer se não quiser perder seus meios de vida – ao passo que na sociedade comunista, onde cada um não tem uma esfera de atividade exclusiva, mas pode aperfeiçoar-se no ramo que lhe apraz, a sociedade regula a produção geral, dando-me assim a possibilidade de hoje fazer tal coisa, amanhã outra, caçar pela manhã, pescar a tarde, criar animais ao anoitecer, criticar após o jantar, segundo meu desejo, sem jamais tornar-me caçador, pescador, pastor ou crítico. (MARX, 1986, p. 47).

Assim, a divisão do trabalho seria um obstáculo importante para a não ampliação ou limitação das capacidades intelectuais de muitos seres humanos. A formação proposta por Marx envolveria, portanto, múltiplas dimensões do ser humano.

O uso da mão de obra infantil nas fábricas no século XIX levou Marx a propor medidas, procurando disciplinar esse uso e favorecer o desenvolvimento das crianças. No trecho abaixo, as concepções de Marx sobre educação, especialmente sobre a educação das crianças proletárias, encontram sua formulação mais explícita:

Para conhecer mais sobre “Trabalho dos adolescentes e das crianças de ambos os sexos” leia o texto abaixo:

Trabalho dos adolescentes e das crianças de ambos os sexos

Por adulto, entendemos toda pessoa que já completou 18 anos. Consideramos a tendência da indústria moderna a fazer com que

crianças e adolescentes dos dois sexos cooperem no grande movimento da produção social, como um progresso e uma tendência legítima e razoável, ainda que o reino do capital tenha feito disto uma abominação.

Numa sociedade racional, qualquer criança, desde os nove anos, deve ser um trabalhador produtivo, assim como nenhum adulto, de posse de todas as suas faculdades, pode-se isentar dessa lei geral da natureza. Se quisermos comer, é preciso trabalhar, e não somente com o nosso cérebro mas também com as nossas mãos. Entretanto, no atual momento, só devemos nos ocupar das crianças e jovens das classes trabalhadoras. Julgamos útil dividi-los em três categorias, que devem ser tratadas de modo diferente. A primeira categoria compreende as crianças entre nove e 12 anos, a segunda as de 13 a 15 anos, e a terceira os jovens de 16 e 17 anos. Propomos que a utilização da primeira categoria em qualquer tipo de trabalho, na fábrica ou a domicílio, seja legalmente restrita a duas horas diárias; a da segunda categoria a quatro horas e a da terceira a seis horas. Para a terceira categoria, deve haver uma interrupção, de pelo menos uma hora, para refeição e recreação.

Seria desejável que as elementares comessem a instrução das crianças, antes da idade de nove anos. Mas, no momento, só devemos pensar nas medidas absolutamente necessárias para contra-arrestar as tendências de um sistema social que degrada o operário, a ponto de torná-lo um mero instrumento para a acumulação do capital; e que, fatalmente, transforma os pais em mercadores de escravos que vendem os seus próprios filhos. O direito das crianças e dos adultos deve ser defendido, uma vez que eles não podem fazê-lo por si mesmos. É, portanto, dever da sociedade agir em seu nome.

Se a burguesia e a aristocracia são negligentes em seus deveres para com os seus descendentes, é um problema delas. Desfrutando do privilégio de membros dessas classes, essas crianças estão condenadas também a padecer dos seus preconceitos.

O caso da classe operária é bem diferente. O trabalhador não age livremente. Frequentemente, ele é muito ignorante para compreender qual é o verdadeiro interesse do seu filho, ou as condições normais do desenvolvimento humano. No entanto, a parte mais esclarecida da classe operária compreende plenamente que o futuro da sua classe e, por conseguinte, da espécie humana, depende da formação da geração operária que cresce.

Ela compreende, antes de mais nada, que as crianças e os adolescentes devem ser preservados dos efeitos destruidores do sistema atual. E isto só pode se realizar pela transferência da razão social em força social; o que, nas circunstâncias presentes, só pode ser feito através de leis gerais impostas pelo poder do Estado. Ao imporem tais leis, as classes operárias não estarão fortalecendo o poder governamental. Ao contrário, elas estarão transformando o poder dirigido contra elas, em seu agente. O proletariado fará, então, através de uma medida geral, aquilo que ele tentaria, em vão, realizar através de uma profusão de esforços individuais.

Por tudo isso, declaramos:

A sociedade não pode permitir nem aos pais, nem aos patrões, o emprego de crianças e adolescentes para o trabalho, a menos que se combine o trabalho produtivo com a educação. Por educação nós entendemos três coisas:

1. educação mental;
2. educação corporal, tal qual é produzida pelos exercícios ginásticos e militares;
3. educação tecnológica, compreendendo os princípios gerais e científicos de todos os processos de produção e, ao mesmo tempo, iniciando as crianças e os adolescentes no manejo dos instrumentos elementares de todos os ramos industriais.

A divisão das crianças e adolescentes em três categorias, de 9 (nove) a 18 (dezoito) anos, deve corresponder uma marcha gradual e progressiva em sua educação mental, física e tecnológica.

Os gastos dessas escolas técnicas devem ser cobertos, em parte, pela venda dos seus produtos.

Essa combinação do trabalho produtivo pago com a educação mental, os exercícios corporais e a aprendizagem politécnica, elevará a classe operária bem acima do nível das classes burguesa e aristocrática.

Fica subentendido que o emprego de criança ou adolescente, entre nove e 18 anos em qualquer tipo de trabalho noturno, ou em qualquer ramo industrial que possa acarretar efeitos nocivos para a saúde, deve ser severamente proibido pela lei.

(MARX, 1990, p. 147).

Como você pôde observar no trecho acima, Marx procurou indicar

a construção de uma educação que compreendesse a superação da divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual e que possibilitasse a constituição do homem completo. Em seu tempo, procurou posicionar-se em relação ao modo como era utilizada, nas fábricas, a mão de obra infantil, procurando, contudo, defender o princípio da união entre ensino e trabalho, cuja separação é um fator de limitação do desenvolvimento do ser humano.

Através da educação tecnológica, os trabalhadores poderiam compreender a organização do trabalho e transformá-la de modo a ter seus interesses realizados. Não se trata, portanto, de mero treinamento em determinadas habilidades técnicas, mas do domínio do modo de organização da produção.

Sobre a relação educação e trabalho, sugerimos a leitura complementar do seguinte texto: SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782007000100012&lng=pt&nrm=iso cesso em: 22 jun. 2007.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

Atividade 1

Após a leitura do trecho **“As regras do método sociológico” de Émile Durkheim**, responda:

- O que é fato social?
- Quais as características do fato social, segundo Durkheim?
- Considerando a definição de Durkheim, dê exemplos de fatos sociais.

Atividade 2

Leia o texto de Durkheim no endereço: <http://www.ufrgs.br/tramse/pead/textos/durkheim.pdf> e responda as seguintes questões:

- Quais as críticas dirigidas por Durkheim às definições de educação que ele analisa em seu texto?
- Que critérios Durkheim observou para a elaboração de sua definição de educação?
- Por que a educação é definida em Durkheim como uma e múltipla ao mesmo tempo?
- Por que o caráter social da educação é uma consequência da definição que Durkheim tem de educação?

Atividade 3

Leia o texto de Alonso Bezerra de Carvalho, Burocracia e educação moderna: anotações a partir de Max Weber, no endereço <http://www.fef.unicamp.br/sipc/anais7/Trabalhos%5CxBurocracia%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Moderna.pdf>, e responda:

- Qual a relação entre burocracia e educação?
- O que é dominação e qual sua relação com a legitimidade?
- Qual o papel dos diplomas na dominação burocrática?

Atividade 4

Observando o conceito de Marx, que exemplos você daria de mercadoria?

Atividade 5

Leia o texto Introdução ao Capital de Karl Marx de Alex Callinicos, no endereço http://www.espacoacademico.com.br/038/38tc_callinicos.htm, e faça um resumo, procurando compreender especialmente os conceitos de capital, mercadoria, valor de uso e valor de troca.

Atividade 6

1. Procure conhecer, na sua cidade, as condições em que se dá a escolarização das crianças e dos adolescentes, procurando

- conhecer os índices relativos à educação (número de matrícula, número de crianças em idade escolar e taxas de rendimento escolar), bem como dados sobre trabalho infanto-juvenil. Analise as repercussões desse trabalho na escolarização das crianças.
2. Leia o texto Politecnia ou educação tecnológica: desafios ao ensino médio e a educação profissional de Nilson Marques Dias Garcia e Domingos Leite Lima Filho, disponível no endereço http://www.anped.org.br/reunioes/27/diversos/te_domingos_leite.pdf, e responda:
 - a) Em que consiste a politecnia?
 - b) Faça uma síntese das políticas implementadas para a educação profissional.
 - c) Quais os desafios que esses autores apresentam para a educação profissional no presente?
 3. Faça um quadro comparativo das concepções de educação de Durkheim, Weber e Marx.



UNIDADE 03

A EDUCAÇÃO COMO OBJETO DE ESTUDO DA SOCIOLOGIA

Resumindo

Nessa unidade, você compreendeu alguns dos temas fundamentais da relação-sociedade e analisou o lugar da escola na sociedade. Nela devemos pensar a especificidade da escola como instituição e sua vinculação a determinados tipos de sociedade. Sempre existiu algo denominada escola? Que sociedades necessitam da escola para transmissão de seus valores e conhecimentos? Para o exercício da docência é importante perceber os elementos da vida social que influenciam a escola em sua organização e funcionamento. Situar a escola histórica e socialmente é importante para compreender seu papel, nossa ação como professores e a constituição dos alunos como tais. Estudou, pois, alguns aspectos da relação escola e sociedade procurando compreender o lugar da escola e da docência na sociedade.



3

A EDUCAÇÃO COMO OBJETO DE ESTUDO DA SOCIOLOGIA

A Escola como Espaço Sociocultural

Talvez você nunca tenha se perguntado, mas terá a escola existido desde sempre? O que torna a escola socialmente necessária? A escola existe em todas as sociedades humanas?

A educação tem um sentido amplo e varia de sociedade para sociedade e, dentro de uma mesma sociedade, entre os diferentes grupos sociais que a compõem, sendo mais correto falarmos da existência de educações. Assim, a educação ocorre em diferentes espaços sociais e não somente na escola.

Vivendo em uma sociedade na qual a **escola** encontra-se marcadamente presente, você pode pensar que ela sempre existiu ou que tenha tido sempre a forma de organização que hoje conhecemos. Contudo, é preciso saber que a escola é resultado de uma construção histórico-social e que assumiu e tem diferentes formas de organização. Você deve estar se perguntando: por que a escola tem essa característica? Porque ela surgiu e responde as necessidades sociais de formação que foram se constituindo ao longo da história das sociedades humanas.

Para termos uma primeira aproximação com o conceito de escola, vejamos essa definição: "Instituição que se propõe a contribuir para a formação do educando como pessoa e como membro da sociedade, mediante a criação de condições e de oportunidades de ampliação e de sistematização de conhecimentos. O termo Escola é considerado genérico e abrange conceitualmente a escola como instituição social, sua função e sua estrutura dentro da sociedade politicamente organizada e administrada. O termo Escola vem do grego "schole", que significa descanso, ou o que se faz na hora do descanso, pois na Grécia Antiga a escola era para os que não precisavam trabalhar." (DUARTE, S.G. DBE, 1986).

Em toda sociedade, temos a presença de formas de transmissão entre as gerações de valores, visão de mundo, regras de conduta e classificação que organizam a vida social do grupo. A **educação** consiste, pois, nessas formas de transmissão e ocorre não só no espaço escolar.



Assim, o estabelecimento de um espaço físico e um tempo especialmente destinado ao ensino foi resultado de um processo histórico, no qual a educação foi assumindo a forma escolar que hoje conhecemos e passando a ocorrer sob a orientação de um grupo profissional específico: **os professores**.

Na sua organização ao longo do tempo a escola foi se estruturando e criando, não só a figura do aluno, mas outros sujeitos da ação escolar como vigias, porteiros, merendeiras, zeladoras, coordenadores, inspetores de alunos, diretores, dentre outros.

A Escola: Homogeneidade e Heterogeneidade

Como afirma Antônio Cândido (1977), a escola é parte de um sistema de ensino. Isso torna muito semelhante o conjunto das escolas que compõem esse sistema, mas cada escola tem sua especificidade ligada à sociabilidade nela constituída. Desse modo, não devemos esquecer que, mesmo considerando a existência de uma certa homogeneidade, cada escola torna-se única pela sua história, pelas interrelações entre seus professores, alunos e servidores técnico-administrativos e pela relação que ela estabelece com a comunidade na qual se situa ou que a frequenta.

Apesar dessa heterogeneidade de escolas, a escola cumpre determinadas funções socialmente definidas, que torna sua existência necessária. Desse modo, é importante nos perguntarmos: **Qual o lugar da escola na sociedade? O que torna sua existência necessária?**

A escola, além de ser um espaço importante de **socialização**, no qual os indivíduos se preparam para a vida social, tem assumido centralidade na sociedade moderna, como afirma Meyer (1991, p. 43), por

ter uma rede de regras que criam classificação pública de pessoas e conhecimento. Ela define quais os indivíduos pertencem a essas categorias e possuem o conhecimento apropriado. E define quais pessoas têm acesso as posições valorizadas na sociedade. A educação é um elemento central na biografia pública dos indivíduos, afetando enormemente suas chances na vida. Ela é também um elemento central no quadro de organização da sociedade, construindo competências e ajudando a criar profissões e profissionais.

Socialização:
processo por
intermédio do
qual nos tornamos
membros de uma
determinada
sociedade.



Assim, a escola é uma instituição historicamente constituída como locus de formação das novas gerações. É um espaço onde se realiza a transmissão da cultura socialmente valorizada, sendo também espaço de convivência, de conflitos e de constituição de identidades.

É possível que você já tenha percebido o quanto a sociedade moderna, mesmo considerando a crise da escola, destaca a escola como uma instituição importante para a formação de seus membros. Assim você pode perceber a importância da escola como uma organização fundamental da sociedade. Isso ocorre, principalmente, pela relevância que o domínio do código escrito passa a ter nessa sociedade, pelo lugar da escola na classificação pública das pessoas e conhecimentos e pela sociabilidade que passa a ser desenvolvida de modo significativo no espaço escolar.

Por isso, você já deve ter percebido, as pessoas ingressam cada vez mais cedo no universo da escola e prolongam sua permanência no sistema escolar com a ampliação das necessidades de escolarização, fruto também da massificação do sistema escolar. Isso, ao tempo em que reforça a ação da escola na sociedade, faz surgir novas classificações e hierarquizações para os diplomas e para os espaços escolares.

Por outro lado, a escola passa a ser questionada a partir das novas formas de constituição e circulação do saber advindas do emprego de novas tecnologias de comunicação. Espaço de disputa, de inclusão e exclusão, a escola é levada a se recriar a cada momento em suas práticas e, ao mesmo tempo, procura manter características que se consolidaram em seu interior ao longo dos tempos.

As disputas existentes na sociedade perpassam o universo escolar, sendo os objetivos da escola legitimados e questionados a partir dos interesses e valores presentes nos diversos grupos da sociedade.

Desse modo, para Claude Dubar (1996, p.174), a escola já não pode ser pensada como uma instituição no sentido clássico do termo, já que esse sentido nos leva a considerar que uma instituição deva ter “[...] uma forte capacidade de integração funcional em torno de valores fulcrais [...]”. Assim, a escola já não proporcionaria a integração funcional dos valores, importante para sua definição como instituição.

Isso ajuda-nos a entender, segundo esse autor, o sentimento de crise da escola que se tem, o que não significa que a escola tenha deixado de funcionar, mas simplesmente que ela não funcionaria mais como uma instituição. Isso significa reconhecer a heterogeneidade dos sujeitos

Para Claude Dubar (1996) a escola, tradicionalmente, teria funções de distribuição, educativa e de socialização, que, na contemporaneidade, tenderiam a se distinguir e a constituir-se de modo separado.

presentes na escola e de seus objetivos, que geram novas modalidades de coordenação de suas ações no espaço escolar, e reconhecer a escola como produtora, também, de exclusões e desigualdades e como espaço de disputas e conflitos.

Na escola, temos, pois, continuamente, a constituição de interações sociais que implicam conflitos e negociações entre sujeitos sobre aspectos diversos da realidade escolar. Assim, há na escola uma diversidade de sentidos construídos por seus sujeitos, o que torna a escola um espaço plural, no qual diferentes sujeitos e sentidos interagem.

Leitura Complementar

Um dos temas que apareceram ao longo de nosso estudo sobre a escola foi o do afastamento da ideia da escola como instituição social. Assim, é importante procurar refletir mais sobre o que seja uma instituição social. O texto abaixo vai ajudá-lo nessa tarefa. Leia com atenção e, ao final da leitura, discuta como a escola hoje se aproxima ou afasta do modelo de instituição social.

O que é uma instituição social?

Já definimos a instituição como um padrão de controle, ou seja, uma programação da conduta individual imposta pela sociedade. Provavelmente tal definição não terá despertado qualquer oposição no leitor, visto que, embora difira da acepção comum do termo, não entra em choque direto com o mesmo. No sentido usual, o termo designa uma organização que abranja pessoas, como, por exemplo, um hospital, uma prisão ou, no ponto que aqui nos interessa, uma universidade.

De outro lado, também é ligado às grandes entidades sociais que o povo enxerga quase como um ente metafísico a pairar sobre a vida do indivíduo, como "o Estado", "a economia", ou "o sistema educacional". Se pedíssemos ao leitor que indicasse uma instituição, ele provavelmente recorreria a um desses exemplos e não estaria errado. Acontece, porém, que a acepção comum do termo parte duma visão unilateral.

Em termos mais precisos, estabelece ligação por demais estreita entre o termo e as instituições sociais reconhecidas e reguladas por lei. Talvez isso constitua um exemplo da influência que os advogados exercem em nossa

maneira de pensar. Seja como for, no contexto deste trabalho, torna-se importante demonstrar que, sob a perspectiva sociológica, o significado do termo não é exatamente este. É por isso que desejamos ocupar um momento da atenção do leitor para, num capítulo pouco extenso, demonstrar que a linguagem é uma instituição.

Diremos mesmo que muito provavelmente a linguagem é a instituição fundamental da sociedade, além de ser a primeira instituição inserida na biografia do indivíduo. É uma instituição fundamental porque qualquer outra instituição, sejam quais forem suas características e finalidades, funda-se nos padrões de controle subjacentes da linguagem.

Sejam quais forem as outras características do Estado, da economia e do sistema educacional, os mesmos dependem dum arcabouço linguístico de classificações, conceitos e imperativos dirigidos à conduta individual; em outras palavras, dependem dum universo de significados construídos através da linguagem e que só por meio dela podem permanecer atuantes.

Por outro lado, a linguagem é a primeira instituição com que se defronta o indivíduo. Esta afirmativa pode parecer surpreendente. Se perguntássemos ao leitor qual é a primeira instituição com que a criança entra em contacto, será provavelmente a família que lhe virá à mente.

E de certa forma não deixa de ter razão. Para a grande maioria das crianças a socialização primária tem lugar no âmbito duma família específica, que por sua vez representa uma faceta peculiar da instituição mais ampla do parentesco na sociedade a que pertence. Não há dúvida de que a família é uma instituição muito importante. [...] Acontece, porém, que a criança não toma conhecimento desse fato. Ela de fato experimenta seus pais, irmãos, irmãs e outros parentes que possam estar por perto naquela fase da vida.

Só mais tarde percebe que esses indivíduos em particular, e os atos que praticam, constituem uma das facetas duma realidade social muito mais ampla, designada como "a família". É de supor que essa percepção ocorra no momento em que a criança começa a comparar-se com outras crianças - o que dificilmente acontece na fase inicial da vida. Já a linguagem muito cedo envolve a criança nos seus aspectos macrossociais.

No estágio inicial da existência, a linguagem aponta as realidades mais extensas, que se situam além do microcosmo das experiências imediatas do indivíduo. É por meio da linguagem que a criança

começa a tomar conhecimento dum vasto mundo situado "lá fora", um mundo que lhe é transmitido pelos adultos que a cercam mas vai muito além deles.

A linguagem: a objetivação da realidade

Antes de mais nada é o microcosmo da criança, evidentemente, que encontra sua estruturação através da linguagem. Esta realiza a objetivação da realidade, o fluxo incessante de experiências consolida-se, adquire estabilidade numa série de objetos distintos e identificáveis. Isso acontece com os objetos materiais.

O mundo transforma-se num todo orgânico formado por árvores, mesas, telefones. Mas a organização não se restringe à atribuição de nomes, também abrange as relações significativas que se estabelecem entre os objetos.

A mesa pode ser levada para baixo da árvore se quisermos subir nesta; e pelo telefone podemos chamar o médico se alguém adoecer. A linguagem ainda estrutura o ambiente humano da criança por meio da objetividade e por estabelecer relações significativas. Por intermédio dela a realidade passa a ser ocupada por seres distintos, que vão desde a mamãe (que geralmente é uma espécie de deusa reinante, cujo trono está erigido no centro dum universo em expansão) até o menininho malvado que tem acessos de cólera no quarto contíguo.

E é através da linguagem que se deixa claro que mamãe sabe tudo e que menininhos malvados serão castigados; aliás, só através da linguagem tais proposições poderão continuar plausíveis; mesmo que a experiência forneça pouca ou nenhuma prova em abono das mesmas.

Há outro detalhe importante. É por meio da linguagem que os papéis desempenhados pelos diversos seres se estabilizam na experiência da criança. Já aludimos aos papéis sociais quando falamos no aprendizado da criança para assumir o papel do outro - que constitui um passo decisivo no processo de socialização.

A criança aprende a reconhecer os papéis como padrões repetitivos na conduta de outras pessoas -- trata-se da experiência que já resumimos na frase "lá vai ele de novo". Essa percepção transforma-se numa feição permanente da mentalidade infantil e, portanto, da sua interação com outras pessoas, realizada por meio da linguagem. É a linguagem que especifica, numa forma capaz de ser repetida, exatamente o que a outra pessoa vai

fazer de novo - "Lá vai ele de novo com esse jeito de papai castigador", "lá vai ele de novo com essa cara de quem espera visita", e assim por diante.

Na verdade, é só por meio de fixações linguísticas como estas (através das quais a ação alheia adquire um significado definido que será atribuído a cada ação do mesmo tipo) que a criança pode aprender a assumir o papel do outro. Em outras palavras, a linguagem estabelece a ligação entre o "lá vai ele de novo" e o "cuidado, que lá vou eu".

A linguagem: a interpretação e justificação da realidade

O microcosmo da criança é estruturado em termos de papéis. Muitos desses papéis, porém, estendem-se ao campo mais amplo do macrocosmo ou para usarmos a imagem inversa, constituem incursões do macrocosmo na situação imediata da criança. Os papéis representam instituições. No momento em que o pai assume aquele jeito de castigador, podemos presumir que essa ação será acompanhada de boa dose de verbosidade.

Enquanto castiga, o pai fala. Fala sobre o quê? Parte de sua fala pode constituir apenas um meio de dar vazão à sua contrariedade ou raiva. Mas, na maioria das vezes, grande parte da conversa constitui um comentário ininterrupto sobre o ato incorreto e o castigo tão merecido. As palavras interpretam e justificam o castigo. E é inevitável que isso seja feito: numa maneira que ultrapassa as relações imediatas do próprio pai.

O castigo é enquadrado num amplo contexto ético-moral; em casos extremos, até mesmo a divindade pode ser invocada como autoridade penal. Deixando de lado a dimensão teológica do fenômeno (sobre a qual infelizmente a Sociologia nada tem a dizer), cabe ressaltar que as explicações sobre a moral e a ética ligam o pequeno drama que se desenrola naquele microcosmo a todo um sistema de instituições macroscópicas.

Naquele momento, o pai que aplica o castigo é o representante desse sistema (mais precisamente do sistema da moral e das boas maneiras como tais); quando a criança voltar a situar-se no mesmo, ou seja, no momento em que repetir o desempenho de um papel identificável, esse papel representará as instituições do sistema moral.

Dessa forma, a criança, ao defrontar-se com a linguagem, vê nela uma realidade de abrangência universal. Quase todas as experiências que sente em termos reais estruturam-se sobre a base dessa realidade subjacente

- são filtradas através dela, organizadas por ela, entram em expansão por meio dela ou, ao contrário, por ela são relegadas ao esquecimento - pois uma coisa sobre a qual não podemos falar deixa uma impressão muito tênue na memória. Isso acontece com toda e qualquer experiência, mas principalmente com as experiências ligadas ao próximo e ao mundo social.

Características fundamentais de uma instituição: a exterioridade

Quais são algumas: das principais características de uma instituição? Tentaremos elucidá-las por meio do caso da linguagem. Neste ponto queremos formular uma sugestão. Sempre que o leitor se defrontar com alguma afirmativa sobre instituições, sobre o que são e como funcionam, sobre como mudam, poderá seguir a norma prática de indagar em primeiro lugar qual é a impressão que se colhe dessa afirmativa se a mesma for aplicada à linguagem.

Evidentemente existem instituições totalmente diversas da linguagem – pense-se, por exemplo, no Estado. Todavia, se uma afirmativa formulada em termos bastante amplos, mesmo depois de adaptada convenientemente a outro caso institucional, for totalmente absurda quando aplicada à linguagem, teremos boas razões para supor que há algo de muito errado com a mesma.

As instituições são experimentadas como algo dotado de realidade exterior; em outras palavras, a instituição é alguma coisa situada fora do indivíduo, alguma coisa que de certa maneira (duma maneira bastante árdua, diríamos) difere da realidade formada pelos pensamentos, sentimentos e fantasias do indivíduo.

Por esta característica, uma instituição assemelha-se a outras entidades da realidade exterior, guarda certa semelhança até mesmo com objetos tais como árvores, mesas e telefones, que estão lá fora, quer o indivíduo queira, quer não. O indivíduo não seria capaz de eliminar uma árvore com um movimento da mão e nem uma instituição. A linguagem é experimentada desta maneira. Na verdade, sempre que o indivíduo fala, está como que "pondo para fora" alguma coisa que estava "dentro" dele - e o que põe para fora não são apenas os sons de que é feita a linguagem, mas os pensamentos que a linguagem deve transmitir.

Acontece que este "por pra fora" (para exprimirmos o fenômeno de maneira mais elegante, poderíamos usar o termo "exteriorização") realiza-

se em termos que não resultam da idiosincrasia criadora de quem fala. Suponhamos que ele esteja falando inglês.

A língua inglesa não foi criada nas profundezas de sua consciência individual. Existia lá fora muito antes do momento em que o indivíduo a usou. Ele a experimenta como alguma coisa que existe fora dele, e a mesma coisa acontece com a pessoa à qual se dirige, ambos experimentam a língua inglesa como a realidade exterior no momento em que começaram a aprendê-la.

Características fundamentais de uma instituição: a objetividade

As instituições são experimentadas como possuidoras de objetividade. Esta frase apenas repete, de forma um tanto diferente, a proposição anterior. Alguma coisa é objetivamente real quando todos (ou quase todos) admitem que de fato a mesma existe, e que existe duma maneira determinada.

Este último aspecto é muito importante. Existe um inglês correto e um inglês incorreto – e isso permanece assim, objetivamente assim, mesmo se o indivíduo pensasse que as regras que disciplinam a matéria são o cúmulo da tolice, e que ele mesmo poderia encontrar uma forma muito melhor e mais racional de organizar a linguagem. É evidente que, via de regra, o indivíduo não se preocupa com esse fato, aceita a linguagem da mesma forma que aceita outros fatos objetivos por ele experimentados.

A objetividade da linguagem inicial do indivíduo assume uma intensidade extraordinária. Jean Piaget, o psicólogo infantil e suíço, relata que, em certa oportunidade, perguntaram a uma criancinha se o sol poderia ser chamado por outro nome que não fosse "sol". "Não", respondeu a criança. Perguntaram-lhe como sabia disso. Por um instante a questão deixou-a intrigada. Finalmente apontou para o sol e disse - "Ora, basta olhar para ele".

Características fundamentais de uma instituição: a coercitividade

As instituições são dotadas de força coercitiva. Em certa medida, esta qualidade esta implícita nas duas que já enumeramos: o poder essencial que a instituição exerce sobre o indivíduo consiste justamente no fato de que a mesma tem existência objetiva e não pode ser afastada por ele.

No entanto, se acontecer que este não note o fato, esqueça o mesmo - ou, o que é pior - queira modificar o estado de coisas existentes, é nesta oportunidade que muito provavelmente a força coercitiva da instituição se apresenta de forma bastante rude.

Numa família esclarecida da classe média, e numa idade em que todos concordam que tais deslizes são de, esperar, a criança geralmente é submetida a uma persuasão suave enquanto ofende os padrões do inglês correto.

Essa persuasão suave poderá continuar a ser aplicada numa escola progressista, mas raramente o será pelos colegas que a criança encontra na mesma. Estas provavelmente reagirão a qualquer infração ao seu código de inglês correto (que evidentemente não é o mesmo do professor), por meio dum zombaria brutal e possivelmente de represálias físicas. Se o adulto insiste nessa atitude de desafio ficará sujeito a represálias partidas de todos os lados.

O jovem de classe operária poderá perder a namorada se não quiser falar "bonito", e por esse mesmo motivo poderá perder a promoção. O dicionário Webster e o manual *Modern English Usage*, de Fowler, montam guarda em cada degrau da escada de ascensão social.

Mas aí do jovem da classe média que continue a falar bonito no exército! E aí também do professor de meia idade que pretenda captar as simpatias dos jovens, falando a linguagem deles; evidentemente, estará sempre ao menos dois anos atrás das convenções destes, sujeitas sempre a mudanças rápidas, e seu choque com o poder coercitivo da linguagem atinge as feições patéticas dum tragédia de Sófocles.

Reconhecer o poder das instituições não é o mesmo que afirmar que elas não podem mudar. Na verdade, elas mudam constantemente – precisam mudar pois não passam de resultados necessariamente difusos da ação de inúmeros indivíduos que "atiram" significados para o mundo.

Se de um dia para o outro todos os habitantes dos Estados Unidos deixassem de falar Inglês, a língua inglesa deixaria de existir abruptamente como uma realidade institucional do país. Em outras palavras, a existência objetiva da linguagem depende da fala ininterrupta de muitos indivíduos que, ao se comunicarem, exprimem suas intenções, significações e motivos de ordem subjetiva.

É claro que essa objetividade, ao contrário da objetividade dos fatos da natureza, nunca pode assumir caráter estático. Muda constantemente, mantém-se num fluxo dinâmico, e às vezes sofre convulsões violentas. Mas

para o indivíduo não é fácil provocar mudanças deliberadas. Se depender exclusivamente dos seus esforços individuais, as possibilidades de êxito num empreendimento desse tipo serão mínimas. Imaginemos que o leitor se lance à tarefa de reformular a gramática ou de renovar o vocabulário. É possível que tenha algum êxito no microcosmo que o rodeia. É até provável que tenha conseguido êxito no tempo de criança: talvez sua família tenha adaptado algumas das criações mais extravagantes de sua fala de bebê, incorporando-as à linguagem intragrupal da família. Como adulto, o indivíduo poderá alcançar pequenas vitórias como estas quando fala à esposa ou ao círculo de seus amigos mais íntimos.

Mas, se não for considerado um "grande escritor" ou um estadista, nem realizar esforço imenso para congregar as massas em torno de sua bandeira de revolução linguística (neste ponto poderíamos evocar o reavivamento do hebraico Clássico no sionismo moderno ou os esforços menos bem sucedidos de fazer a mesma coisa com o gaélico da Irlanda), o impacto alcançado sobre a linguagem de seu macrocosmo será provavelmente nulo no dia em que abandonar este vale de palavras.

Características fundamentais de uma instituição: autonomia moral

As instituições têm uma autoridade moral. Não se mantêm apenas através da coercitividade. Invocam um direito à legitimidade; em outras palavras, reservam-se o direito de não só ferirem o indivíduo que as viola mas ainda o de repreendê-lo no terreno da moral. É claro que o grau de autoridade moral atribuído às instituições varia de caso para caso.

Geralmente essa variação se exprime através da gravidade do castigo infligido ao indivíduo desrespeitoso. O Estado, no caso extremo, poderá matá-lo enquanto a comunidade numa área residencial talvez se limite a tratar friamente sua esposa, quando esta frequenta o clube. Num caso como noutro, o castigo é acompanhado dum sentimento de honradez ofendida.

Raramente a autoridade moral da linguagem encontra expressão na violência física (muito embora por exemplo existam situações no Israel moderno onde a pessoa que não fala o hebraico pode ficar sujeita a certo desconforto físico). Geralmente exprime-se um estímulo bastante eficiente, representado pela sensação de vergonha e, por vezes, de culpa que se apossa do infrator.

A criança estrangeira que continuamente comete erros de linguagem, o pobre imigrante que carrega o fardo do sotaque, o soldado que não consegue superar o hábito arraigado da fala polida, o intelectual de vanguarda cujo falso jargão mostra que não está "por dentro", todos eles são indivíduos que experimentam um sofrimento muito mais intenso que o das represálias externas; quer queiramos, quer não, temos que reconhecer neles a dignidade do sofrimento moral.

Características fundamentais de uma instituição: a historicidade

As instituições têm a qualidade da historicidade. Não são apenas fatos, mas fatos históricos; têm uma história. Em praticamente todos os casos experimentados pelo indivíduo, a instituição existia antes que ele nascesse e continuará a existir depois de sua morte. As ideias corporificadas na instituição foram acumuladas durante um longo período de tempo, através de inúmeros indivíduos cujos nomes e rostos pertencem irremediavelmente ao passado.

A pessoa que fala o inglês contemporâneo dos Estados Unidos, por exemplo, reitera sem o saber as experiências verbalizadas de gerações mortas - os conquistadores normandos, os servos saxões, os escribas eclesiásticos, os juristas elisabetanos, além dos puritanos, dos homens da fronteira, dos gangsters de Chicago e dos músicos do jazz que viveram em épocas mais recentes.

A linguagem (e, de fato, geralmente o mundo das instituições) pode ser concebida como um grande rio que flui através do tempo. Aqueles que por um momento viajam em suas águas ou vivem às suas margens continuamente atiram objetos nele. Na sua maioria, estes vão ao fundo ou se dissolvem imediatamente. Mas alguns deles se consolidam e são carregados por um período mais curto ou mais longo. Apenas uns poucos percorrem todo o trajeto, chegando à foz, onde este rio, tal qual todos os outros, se despeja no oceano do olvido, que é o fim de toda história empírica.

Para Karl Klaus, um escritor austríaco, a linguagem é a habitação do espírito humano. É ela que proporciona o contexto vitalício das experiências dos outros, do próprio indivíduo, do mundo. Mesmo ao imaginarmos mundos situados além deste, somos obrigados a formular nossos temores e esperanças em palavras. A linguagem é a instituição social

que supera todas as outras. Representa o mais poderoso instrumento de controle da sociedade sobre todos nós.

(BERGER ; BERGER, 1983, p. 193-9).

Processos de Socialização e Educação

Através do processo de socialização, as novas gerações ou novos membros da sociedade incorporam a cultura e aprendem o modo de vida da sociedade. Desse modo, através do processo de socialização, a criança vai incorporando as regras da vida social e tornando-se, gradativamente, autônoma.

No processo de socialização, a criança não é um ser **passivo**, na qual a sociedade inscreve o que deseja, mas, um ser ativo que participa de sua socialização, interagindo ativamente com os que dela cuidam.

Embora estejamos falando o tempo todo de criança, a socialização, na verdade, pode ser vista como um processo que perpassa toda a vida do indivíduo, já que este, em suas interações sociais, está continuamente se desenvolvendo e se ajustando a novas situações. A socialização como uma ação contínua do indivíduo ao longo da vida fica mais clara ainda se compreendermos socialização como a “construção de um mundo vivido” (BERGER; LUCKMANN, 1987).

As experiências de socialização ocorrem em diferentes espaços: na família, na escola, no lazer, no trabalho. Portanto, podemos compreender a socialização como o processo educativo por meio do qual nos tornamos membros de uma determinada sociedade, e que perpassa nossa vida do nascimento à morte.

Mas, como se dá a experiência de socialização? Será ela uma experiência perfeitamente homogênea? Bernard Lahire (2003) nos alerta para a heterogeneidade das experiências socializadoras que resultam em um homem plural. Os grupos nos quais realizamos nossa socialização diferem ao longo do tempo e entre si. Como afirma esse autor,

[...] esses grupos que são os quadros sociais de nossa memória, são, pois, heterogêneos, e os indivíduos que os atravessam durante um período de tempo ou em momentos diferentes de sua vida são, portanto, o produto sempre

Reveja como, em Durkheim, a ideia de socialização aponta para a passividade da criança. Não é esse o sentido que aqui se tem do papel da criança na socialização.



Figura 1. La familia del (1885), pintura de Gustav Wentzel.

variegado dessa heterogeneidade dos pontos de vista, das memórias e dos tipos de experiência. (LAHIRE, 2003, p. 31).

Desse modo, essa heterogeneidade de grupos (família, amigos, escola, trabalho...) com os quais os indivíduos interagem, vão constituindo o indivíduo como um ser plural, portador dessa heterogeneidade e pluralidade de experiência.

A Sociologia costuma separar a socialização em duas grandes etapas: a da **socialização primária** e a da **socialização secundária**. Cada etapa é constituída por **agentes de socialização**, que são os grupos ou os contextos nos quais ocorrem as experiências socializadoras.

Por socialização primária, a Sociologia refere-se a ações socializadoras que ocorrem especialmente na infância e são intensamente carregadas de dependência socioafetiva por parte da criança. A **família** seria o contexto principal dessa socialização. A socialização secundária ocorreria na interação do indivíduo com outros grupos sociais como etapa posterior à socialização primária, tendo lugar na escola, nos grupos de iguais, no trabalho, nos clubes e em outros espaços sociais.

Lahire (2003, p. 32) nos lembra que essa ordem na qual tem-se uma socialização primária e uma secundária, que seria posterior, tem sido questionada “[...] pela ação socializadora muito precoce (e, em certos casos, cada vez mais precoce) de universos sociais diferentes do universo familiar ou de atores estranhos ao universo familiar.”

Exemplo dessa ação socializadora precoce fora da experiência na família é o ingresso cada vez mais cedo da criança em creches e escolas de educação infantil. Por isso, Lahire (2003, p. 33) vai afirmar que “[...] a experiência da pluralidade dos mundos tem todas as chances, em nossas sociedades ultradiferenciadas, de ser precoce.”

A escola com espaço organizado de ação educativa e sua organização por classes e grupos de idades é um locus importante de socialização. Nela, além da interação adulto-criança/jovem, temos a interação entre os grupos de idade e de sexo.

Enquanto o espaço da sala de aula (classe) é marcado pela autoridade do docente, os grupos de idade e/ou sexo têm sua liderança constituída no interior deles e constituem importantes espaços de socialização na escola.

A Temática das Desigualdades e as Teorias Contemporâneas

sobre a Educação Escolar

Na contemporaneidade, um dos temas centrais da Sociologia da Educação tem sido o do estudo das relações entre a educação e a constituição e reprodução das desigualdades sociais. **Como a escola produz ou reforça as desigualdades existentes na sociedade?**

Certamente, você tem acompanhado os debates travados em torno das **ações afirmativas** em relação à educação e que são apresentados pela mídia. Debruçando-se sobre o tema das desigualdades, a Sociologia da Educação vem denunciando o caráter reprodutor das desigualdades sociais que o sistema de ensino tem e produzindo teorias sobre essa desigualdade. Aqui veremos como esse tema tem sido estudado pela Sociologia da Educação, considerando dois importantes teóricos que estudaram esse tema: Pierre Bourdieu (1930–2002) e Paul Willis.

Ações afirmativas implicam a implementação ou incremento de políticas de discriminação positiva. A política de cotas é um tipo de ação afirmativa.

Pierre Bourdieu

Em seu trabalho, Pierre Bourdieu procurou compreender o papel da escola na reprodução da sociedade, denunciando a escola como conservadora da estrutura social, especialmente pela reprodução cultural da sociedade que ela proporciona.

A escola só pode ser entendida se considerarmos as relações entre as classes sociais. A escola não é neutra em seu funcionamento, mas é considerada uma instituição que reproduz e legitima a dominação das classes dominantes na sociedade. Daí o caráter conservador da escola citação.

Para compreendermos o pensamento de Bourdieu sobre o caráter reprodutor da escola, dois conceitos são fundamentais: *arbitrário cultural* e *violência simbólica*.

O conceito de *arbitrário cultural* remete à ideia antropológica de que nenhuma cultura pode ser considerada superior à outra. As escolhas culturais dos grupos humanos seriam arbitrárias, mas vividas por seus membros como sendo naturais.

Na sociedade, a disputa entre as diferentes classes sociais tornaria dominante o modelo cultural das classes dominantes. A escola tenderia a reproduzir esse modelo em seu interior. Como consequência, as crianças das camadas menos privilegiadas socialmente teriam maiores dificuldades em

seu percurso escolar, por seu universo sociocultural encontrar-se distanciado do universo da escola.

A escola, para exercer com legitimidade seu papel, ocultaria o fato de que em seu funcionamento opera com um arbitrário cultural socialmente imposto. Assim afirma Bourdieu (1999, p. 53):

Com efeito, para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças de diferentes classes sociais. Em outras palavras, tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura.

Haveria uma diferença na relação com o conhecimento escolar entre os alunos das diferentes classes sociais, sendo a cultura escolar uma continuação da cultura do grupo social das crianças oriundas das camadas dominantes e uma cultura completamente diferente para as crianças oriundas das camadas populares. Esse fato tem consequências no sucesso ou no fracasso escolar das crianças.

A escola, através do que Bourdieu denomina de *ideologia do dom*, apresentaria o sucesso ou fracasso escolar como um problema individual, mascarando a vinculação deles com a proximidade ou distância do aluno com a cultura transmitida pela escola.

Desse modo, para aqueles que herdariam de seu meio os elementos, dentre os quais um determinado modo de relação com a cultura, que propiciam uma proximidade com o universo escolar, não aparece o seu sucesso relacionado com sua herança. Para aqueles que vêm de camadas dominadas, o fracasso aparece como uma questão pessoal, seja porque 'não dá para os estudos', seja porque 'não é esforçado', ficando escondido, assim, o caráter arbitrário da cultura escolar e sua vinculação com a cultura dominante.

Para conhecer um pouco mais sobre a apropriação do pensamento de Bourdieu na análise da educação no Brasil leia “ as apropriações de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro, através de periódicos da área”, de Afrânio Mendes Catani, Denice Bárbara Catani e Gilson R. de M. Pereira, encontrado em http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE17/RBDE17_07_AFRANIO_-_DENICE_E_GILSON.pdf

Nesse processo, ocorreria uma *violência simbólica* que teria como consequência o distanciamento do aluno de camada de sua cultura de origem, a inculcação de uma outra cultura e a desvalorização de sua cultura de origem.

Assim, Bourdieu nos alerta para a não neutralidade da escola e de seus processos. A escola contribuiria para a desigualdade social com sua ação e, especialmente, por não revelar o seu caráter seletivo e excludente, vinculado à divisão social existente na sociedade.

Paul Willis

Paul Willis estuda a reprodução social a partir da análise do comportamento de resistência às práticas de um grupo de rapazes de uma escola inglesa. Nessa perspectiva, o ator social produz sua posição social por seus comportamentos sociais. Paul Willis está interessado em conhecer os vínculos existentes entre uma cultura contra-escolar e a cultura da classe trabalhadora.

Assim, “os rapazes” que estudou, em sua pesquisa *Aprendendo a ser trabalhador*, resistiriam e se oporiam por opção a uma identidade com as práticas e a cultura escolar e optariam por uma identificação com a cultura do universo social de seus pais. Essa opção levaria, como resultado, a que estes ocupassem as mesmas posições de seus pais em empregos desqualificados ou semi-qualificados.

A escola era vista de maneira crítica pelo grupo de rapazes estudados por Willis, sendo a crítica da escola utilizada para combatê-la. Daí a resistência dos rapazes às atividades escolares propostas. Eles rejeitavam a cultura e as exigências escolares, resistiam a toda forma de controle escolar e desvalorizavam o trabalho intelectual. Os rapazes desejavam ingressar o mais rápido possível no mundo do trabalho, embora não vissem este como diferente da escola ou esperassem ocupar postos de trabalho mais valorizados. O trabalho duro era identificado com valores relativos à masculinidade, o que fazia com que parecesse positivo o fracasso escolar e o trabalho manual.

Assim, embora criativo e crítico em relação à escola e o que ela representa, o comportamento dos rapazes estudados por Willis acabava tendo como resultado a reprodução das posições sociais dos mesmos. Ou seja, essa ação levava os rapazes a ocupar a mesma posição social ocupada por seus pais.



Figura 2. Capa do livro de Paul Willis “Aprendendo a ser Trabalhador”.

EXERCÍCIO DO FIXAÇÃO

Atividade 1

- A partir do texto "**A Escola: Homogeneidade e Heterogeneidade**", como você definiria a escola?
- Converse com pessoas com mais de 60 anos de idade moradoras de sua cidade para conhecer como estas vivenciaram a escola. Compare a fala das pessoas com a situação atual do município em matéria de educação escolar. Produza um texto expondo as conclusões a que chegou sobre as diferenças e permanências das ações escolares no município.
- Faça, a partir de pesquisa em jornais, um levantamento de problemas enfrentados pela escola hoje.

Atividade 2

- Leia o texto "A particularidade do processo de socialização contemporâneo", de Maria da Graça Jacintho Setton, disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000200015&lng=pt&nrm=iso e faça um resumo do texto destacando as diferentes compreensões do processo de socialização apontada pela autora.
- Visite uma escola e observe, no espaço do recreio, a formação de grupos por parte dos alunos e indique como esses grupos organizam-se e são espaços importantes de socialização.

Atividade 3

- Compare as perspectivas de Pierre Bourdieu e Paul Willis sobre o papel da escola na reprodução da sociedade.
- Pesquise sobre o papel da família e da origem social na construção do sucesso escolar de alunos oriundos das camadas populares e escreva um texto indicando a relação entre origem familiar/social e sucesso escolar.
-

Leia as seguintes entrevistas com Paul Willis

Cultura viva: entrevista com Paul Willis realizada por Roger Martinez e encontrada no endereço na Internet http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000200013&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt e a Entrevista com Paul Willis realizada por Melissa Mattos Pimenta e encontrada no endereço http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000200014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

UNIDADE 04

AS DESIGUALDADES SOCIAIS E AS TRAJETÓRIAS ESCOLARES

Resumindo

Nessa unidade estudamos alguns modos como tem ocorrido as relações família e escola em diferentes camadas sociais procurando compreender o papel da família na escolarização dos filhos e o modo como a escola tem compreendido e interagido com os diferentes contextos familiares. Aqui veremos como o estudo de trajetórias escolares realizado pelas famílias no processo de escolarização dos filhos. Veremos, também, como é importante que o professor conheça as lógicas de socialização das famílias de meios populares e a da escola para o exercício de sua profissão.



4

AS DESIGUALDADES SOCIAIS E AS TRAJETÓRIAS ESCOLARES

Nessa unidade trabalharemos um tema no qual as pesquisas no campo da Sociologia da Educação têm se voltando com um novo olhar de modo significativo na contemporaneidade. Já vimos em unidades anteriores desse curso que a escola tem se constituído em uma importante instituição para a reprodução da sociedade. Nos anos 1960/1970 surgiu um conjunto de teorias que procuravam explicitar o papel de reprodução da divisão social que a educação escolar tem, olhando esse papel de maneira crítica. Essas teorias ficaram conhecidas na Sociologia da Educação como crítico-reprodutivistas, porque diferentemente de outras teorias que apresentavam o caráter reprodutor da sociedade que a educação escolar tem, mas não viam nisso um problema, essas teorias analisavam a educação procurando desvelar o caráter conservador da ação escolar e realizar uma crítica desse papel da educação.

Para saber mais sobre o surgimento dessas teorias, leia e resuma o texto de Maria Alice Nogueira intitulado “A sociologia da educação no final dos anos 60/ início dos anos 1970: o nascimento do paradigma da reprodução”, que pode ser encontrado no sítio do INEP no endereço:

http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/{75940577-E91B-4D10-A8C3-D90A12879701}_ano_9_nº_46_abr.-jun._1990.pdf.

Na unidade anterior vimos alguns autores que trataram do tema das desigualdades em face da escola. Nela vimos, por exemplo, como Pierre Bourdieu (1998) analisa o caráter conservador da escola em oposição ao que ele denomina de “ideologia da escola libertadora”. Em que consistiria essa ideologia? Essa ideologia relaciona-se com a crença no sistema escolar como fator de **mobilidade social**. Para Bourdieu, ao contrário, o sistema escolar “(...) é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade as desigualdades sociais, e sanciona a herança

Mudanças de indivíduos ou grupos no espaço social. Para maiores esclarecimentos sobre o conceito consulte dicionários de Ciências Sociais.

Por trajetória escolar compreende-se o percurso de escolarização vivenciado pelos estudantes durante sua formação.

cultural e o dom social tratado como dom natural”(BOURDIEU, 1999, p. 41).

Como já comentamos acima os 1960/1970 são marcados pela denúncia do modo de funcionamento do sistema escolar na reprodução das desigualdades sociais.

Recentemente, as pesquisas no campo da sociologia vêm procurando conhecer, através do estudo de **trajetórias escolares**, o que tem oportunizado a estudantes de camadas populares a construção de um percurso escolar longo ou pelo estudo de situação de sucesso escolar em diferentes níveis da escolaridade. São estes estudos que embasam essa unidade do curso. A importância do conhecimento desse tema pelos docentes reside no fato de que a partir dele se pode pensar a escola e a relação da educação escolar com as famílias de classes populares.

Leia o texto A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas, de Maria Alice Nogueira, que pode ser encontrado no endereço <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aso/n176/n176a05.pdf> na Internet.

Sugerimos que você elabore um pequeno texto narrado sua relação com a escola desde o seu ingresso até o presente momento quando você inicia um curso superior.

Algumas Características dos Estudos sobre Trajetórias Escolares

Uma das tarefas da Sociologia da Educação é compreender o modo como a escola vai sendo constituída na relação com as diferentes classes sociais. As pesquisas realizadas sobre a temática da desigualdade em face da escola procuram entender as relações existentes entre origem social e percursos escolares de indivíduos de diferentes camadas sociais. Esses estudos buscam desnaturalizar os diferentes desempenhos escolares de estudantes oriundos de diferentes camadas da população e compreender as razões sociais para esses diferentes desempenhos. São estudos sobre a produção do fracasso e do sucesso escolar.

Sobre esse tema leia e resuma o texto de Wilson Mesquita de Almeida intitulado “que elite é essa de que tanto se fala? – sobre o uso indiscriminado do termo a partir de perfis de alunos de Universidades Públicas encontrado no endereço <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT14-1794--Int.pdf>

Nos últimos anos as pesquisas no campo da Sociologia da Educação têm se debruçado mais sobre o modo como se produz carreiras escolares de sucesso em meios populares, tomando, especialmente como tema de pesquisa, estudantes que ingressaram em cursos superiores. Embora ainda muito recentes essas pesquisas apontam elementos importantes para a compreensão desse fenômeno. Algumas delas têm, inclusive, ajudado a repensar alguns temas de ampla divulgação em torno do ensino superior, como o da **elitização do ensino superior público**.

Esses estudos têm se caracterizado por, sem esquecer a estrutura social, analisarem percursos escolares de um número reduzido de sujeitos utilizando, principalmente, a entrevista para a produção dos dados, predominando abordagens qualitativas.

Observando essas características mais gerais desse tipo de pesquisa você deve se perguntar como ela pode ajudar o professor na sua ação pedagógica? Que elementos trazem essas pesquisas para a compreensão do fenômeno escolar em nossa sociedade? Veremos a seguir algumas dessas pesquisas e as conclusões a que chegaram.

O estudo das desigualdades em face da escola e a construção do sucesso escolar em camadas populares.

O interesse pela construção do sucesso escolar em pesquisas com camadas populares é o de conhecer o empenho e as circunstâncias ou configurações nas quais os estudantes de camadas populares e suas famílias conseguem estabelecer percursos escolares prolongados para além das probabilidades de seu meio social.

Embora o modelo teórico proposto por Pierre Bourdieu tenha sido importante para o conhecimento das condições sociais da produção do fracasso e do sucesso escolar, como vimos em unidades anteriores desse curso, as pesquisas que trabalham com trajetórias escolares procuram compreender o fenômeno do sucesso escolar a partir da constatação de que

“famílias não totalmente ‘desprovidas de recursos’, sobretudo do ponto de vista do capital escolar, possuem filhos com enormes dificuldades escolares, ao passo que outras, cujas características objetivas levariam a pensar que a escolaridade dos filhos poderia ser custosa, possuem crianças com boa e mesmo muito boa situação escolar” (LAHIRE, 1997, p. 11)

O estudo de Bernard Lahire (1997) nos adverte que não há um estilo único para a construção do sucesso escolar, mas diferentes modos disso acontecer.

Ao analisar as configurações familiares nas quais o sucesso escolar se torna possível esses estudos não percebem nessas famílias a existência de um projeto de escolarização explicitado e de longo prazo para os filhos, definido desde cedo.

Maria José Braga Viana (2000) expondo os resultados de sua pesquisa sobre longevidade em camadas populares concluiu, como Bernard Lahire (1997), que há uma ausência nas famílias por ela pesquisada de projeto de escolarização de longo prazo, sendo essas trajetórias marcadas mais pela **imprevisibilidade** oriunda "(...) da importância que assumiram, por um lado, as oportunidades advindas de universos exteriores ao familiar e, por outro lado, os êxitos escolares parciais, sobretudo os que se deram na escola primária" (p.51).

Leia o texto dessa autora no endereço

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

Esses elementos, quando presentes nas trajetórias escolares de estudantes oriundos dos meios populares, podem favorecer que esses realizem uma escolarização marcada mais pelo sucesso. Os êxitos escolares que os estudantes vão tendo ao longo de sua trajetória escolar se constituem em uma base importante para que os mesmos percorram os diversos níveis da escolaridade e dêem continuidade a sua formação escolar.

A ausência de um projeto de escolarização de longo prazo não significa, contudo, que as famílias de meio populares não invistam na escolarização ou sejam ausentes da vida escolar dos filhos. Como afirma Maria **José Braga Viana** (2005)

Uma forte e reiterada constatação das pesquisas acerca das relações das famílias populares com a escola tem sido a de que essas últimas não são omissas e indiferentes com relação à escolarização dos filhos, a despeito da disseminada postura, sobretudo entre professores, de considerá-las demissionárias, apáticas, desmobilizadas. Ou seja, esses estudos negam uma renúncia a priori dessas famílias, um desinteresse pela escola como atitude típica.

Se não há esse desinteresse ou essa ausência como entender o que Bernard Lahire (1997) denomina de “mito da omissão parental” presente nas falas, especialmente, de professores quando se referem a seus alunos de camadas populares? Que características têm a presença dessas famílias na vida dos filhos que passa despercebido pela escola?

Possivelmente, essa presença não seja percebida pela especificidade da relação dessas famílias com a escola e por ser como define Maria José Braga Viana (2000) uma presença “periférica ao estritamente escolar” (p.54). Assim, as ações das famílias de camada que contribuem para a construção do sucesso escolar não ocorrem necessariamente de modo intencional e consciente.

As pesquisas com essa temática têm alertado para a importância de ações de ordem moral e simbólica por parte das famílias, tais como valorização da escola, elogios por resultados alcançados e o que LAHIRE (1997) denomina “uma certa ordem moral doméstica”. Isso não significa, contudo, que não existam ações mais diretamente escolares como vigilância no cumprimento de tarefas escolares e garantia de assiduidade à escola.

Maria José Braga Viana (2000) também nos alerta para o papel fundamental que o filho-aluno tem na constituição de sua longevidade escolar, especialmente, pela autodeterminação e envolvimento com a escola por ele demonstrado, mesmo reconhecendo que esses são constituídos em seus contextos familiares.

Uma forma de entender melhor essa questão talvez seja compreender as diferenças existentes entre os modos de socialização das crianças das famílias de classes populares e as expectativas da escola.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

Escolha uma escola de sua cidade e converse com professores sobre a participação dos pais na escolarização dos filhos. Depois, com base no que você viu sobre o tema, analise essas respostas.

M inicurrículo

Antônio de Pádua Carvalho Lopes possui graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (1990), graduação em Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí (1989), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1996) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2001). Atualmente é professor da Universidade Federal do Piauí. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História e Sociologia da Educação, atuando principalmente nas seguintes áreas: história da educação e sociologia da educação. Atualmente é professor dos Programas de Pós-graduação em Educação e História do Brasil da UFPI.

R eferências

Unidade 1

BERGER, Peter L. **Perspectivas Sociológicas**: uma visão humanística. 7 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1986.s

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989. V. 1.

_____. **A Sociedade da Corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ESTEVES, Antônio Joaquim; STOER, Stephen R. (Org.). **A sociologia na escola**: professores, educação e desenvolvimento. Porto: Afrontamento, 1992.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre-RS: Artes Médicas, 2005.

MANNHEIM, Karl; STEWART, W. A. C. **Introdução à Sociologia da Educação**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. **Educação e Sociedade**. 8. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

Unidade 2

BOTTOMORE, Tom; NISBET, Robert. **História da Análise Sociológica**. Rio

de Janeiro: Zahar, 1980.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. 12 ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1978.

_____. **Sociologia, Educação e Moral**. Porto: Ed. Rés, 1984.

_____. **O ensino da moral na escola primária**. Disponível em:
< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000200008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>

ENGUITA, Mariano. **Trabalho, escola e ideologia: Marx e a crítica da educação**. Porto Alegre-RS: Artes Médicas, 1993.

GIANNOTTI, José Arthur. **A sociedade como técnica da razão: um ensaio sobre Durkheim**. Disponível em: <http://www.cebrap.org.br/imagens/Arquivos/a_sociedade_como_tecnica.pdf. >

GIDDENS, Anthony. **Capitalismo e moderna teoria social**. 3. ed. Lisboa: Ed. Presença, 1990.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a Pedagogia Moderna**. São Paulo: Cortez;Autores Associados, 1991

NOGUEIRA, Maria Alice. **Educação, saber, produção em Marx e Engels**. São Paulo: Cortez;Autores Associados, 1990.

ORTIZ, Renato. **Durkheim: arquiteto e herói fundador**. Disponível em:
<http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_11/rbcs11_01.htm>.

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de O.; OLIVEIRA, Márcia Gardênia de. **Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber**. Belo Horizonte-MG: EDUFMG, 1995.

WEBER, Max. **Os três tipos puros de dominação legítima**. In: _____. Metodologia das Ciências Sociais. Campinas-SP: Ed. UNICAMP, 1992.

_____. **Os letrados chineses.** In: GERTH, H.; MILLS, W. (Org.). *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

_____. **Sobre a universidade.** São Paulo: Cortez, 1989.

Unidade 3

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade.** 7. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1987.

BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução:** elementos para uma teoria do sistema do ensino. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1982.

COHN, Clarice. **Crescendo como um Xikrin:** uma análise da infância e do desenvolvimento infantil entre os Kayapó-Xikrin do Bacajá. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012000000200009&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 23 jun. 2007.

LAHIRE, Bernard. **Homem plural:** os determinantes da ação. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

MOLLO-BOUVIER, Suzanne. **Transformação dos modos de socialização das crianças:** uma abordagem sociológica. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 jun. 2007.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Org.). **Pierre Bourdieu:** escritos de educação. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

_____; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu e a Educação.** Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2004.

_____. **A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu:** limites e contribuições. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000200003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>.

THIN, Daniel. **Para uma análise das relações entre famílias populares e escola:** confrontação entre lógicas socializadoras. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 jun. 2007.

WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador:** escola, resistência e reprodução social. Porto Alegre-RS: Artes Médicas, 1991.

Unidade 4

ALMEIDA, Wilson Mesquita. **Que elite é essa de que tanto se fala?** – sobre o uso indiscriminado do termo a partir de perfis de alunos de Universidades Públicas <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT14-1794--Int.pdf>

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar em meios populares:** as razões do improvável. São Paulo: Editora Àtica, 1997.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Org.). **Pierre Bourdieu:** escritos de educação. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

_____. **A sociologia da educação no final dos anos 60/início dos anos 1970:** o nascimento do paradigma da reprodução <http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/{75940577-E91B-4D10-A8C3-D90A12879701}_ano_9_nº_46_abr.-jun._1990.pdf>

Vianna, Maria José Braga. As práticas socializadoras familiares como locus de constituição de disposições facilitadoras de longevidade escolar em meios populares. **Educação & Sociedade**, 2005, vol.26, n. 90. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

_____. Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidades. IN: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir(orgs). **Família & Escola: trajetórias de escolarização em camadas populares.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p.45 – 60.



Ministério
da Educação



www.uapi.ufpi.br